

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Edgard L. G.; VIEIRA, Carlos A. S. Qualificação profissional: uma proposta de política pública. In: ALVES, Edgard Luiz Gutierrez (Org.). *Modernização produtiva & relações de trabalho*. Petrópolis: Vozes; Brasília: IPEA, 1997.

ANDRAUS, Annez; BRANDÃO, Sandra M. C.; FERREIRA, Sinésio P. *Evolução Recente da Qualidade dos Postos de Trabalho na Região Metropolitana de São Paulo*. Fundação SEADE. Mimeografado.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho. Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARENDT, Hannah. *O que é Política?* Rio de Janeiro: BCD União de Editoras, 1999.

_____. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

BACHA, Marcia S. C. N. *Psicanálise e Educação: Laços refeitos*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. PUC/ SP, 1996.

BARRETO, Margarida M. S. *Uma Jornada de Humilhações*. Tese de mestrado em Psicologia Social. PUC/SP, 2000.

BLASS, Leila M. S. *De volta ao futuro: o discurso empresarial e sindical no fim da Autolatina*. São Paulo: EDUC, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BOUFFARTIGUE, Paul. Fin del trabajo o crisis del trabajo assalariado? *In: Política y Sociedad*. Madrid: Universidad Complutense, 1997.

BRAGLIA, Maria Adelina G. A Proteção Social pelo Trabalho: entre o óbvio e o exótico. *São Paulo em PERSPECTIVA: Mudanças Econômicas e Desemprego. Revista da Fundação SEADE*. São Paulo, v.10, n. 1, jan.-mar.1996.

BRANT DE CARVALHO, M. C. *Gestão Social: alguns apontamentos para o debate*. São Paulo: EDUC, 1999.

BRESSER PEREIRA, L. C. *Sociedade civil: sua democratização para a reforma do Estado*. São Paulo: UNESP; Brasília: ENAP, 1999.

CARRETEIRO, Tereza C. A Doença como projeto – uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. *In: SAWAIA, Bader (Org.). As artimanhas da exclusão social*. Petrópolis: Vozes. 1999.

CHAIA, Miguel W. O Menor no Mercado de Trabalho. *São Paulo em PERSPECTIVA. Revista da Fundação SEADE*. São Paulo, v. 1, n. 1, abr.-jun. 1987.

_____. A Estética Urbana do Desvario. *São Paulo em PERSPECTIVA. Revista da Fundação SEADE*. São Paulo, v. 5, n. 2, abr-jun. 1991.

_____. Negro: Entre o Trabalho Forçado e o Trabalho Restrito. *São Paulo em PERSPECTIVA. Revista da Fundação SEADE*. São Paulo, v. 2, n. 2, abr.-jun.1988.

_____. Estado, Família e Desemprego. *São Paulo em PERSPECTIVA. Revista da Fundação SEADE*. São Paulo, v. 2, n. 3, jul-set. 1988.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. *Psicodinâmica do Trabalho*. São Paulo: Atlas, 1994.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO; Poder Executivo, Seção I, São Paulo, 108 (62), quarta-feira, abril 1998, 7/8.

DOWBOR, Ladislau. A gestão social em busca de paradigmas. In: RICO, Elizabeth de Melo (Org.). *Gestão Social: uma questão em debate*. São Paulo: EDUC/IEE, 1999.

_____. *A Reprodução Social: propostas para uma gestão descentralizada*. Petrópolis: Vozes, 1999.

DRAIBE, Sônia M. Uma Nova Institucionalidade das Políticas Sociais? *São Paulo em PERSPECTIVA*. Revista da Fundação SEADE, São Paulo, v. 11, n. 4, out.-dez. 1997.

_____. O Sistema Brasileiro de Proteção Social: O legado desenvolvimentista e a agenda recente de reformas. *Caderno de Pesquisa*, n. 32, Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP, Campinas: Unicamp, 1998.

DUPAS, Gilberto. *Economia Global e Exclusão Social*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FRANCO, Augusto de. A participação do poder local em processos de desenvolvimento local integrado e sustentável. In: RICO, Elizabeth de Melo (Org.). *Gestão Social: uma questão em debate*. São Paulo: EDUC/IEE, 1999.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na Civilização*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

_____. *Psicologia de las Massas y Analisis del Yo*. Obras Completas de Sigmund Freud – Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

_____. *El porqué de la guerra*. Obras Completas de Sigmund Freud – Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1998.

HELOANI, Roberto. *Organização do Trabalho e Administração: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1996.

HIRATA, Helena. Reestruturação Produtiva, trabalho e relações de gênero. *Revista Latino-Americana de Estudos do Trabalho*. Associação Latino-Americana de Sociologia do Trabalho, ano 3, n. 6, 1997.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Temas Básicos da Sociologia*. São Paulo: Cultrix. 1973.

IANNI, Octavio. A Política Mudou de Lugar. *São Paulo em PERSPECTIVA*. Revista da Fundação SEADE, São Paulo, v. 11, n. 3, jul.-set. 1997.

_____. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

JODELET, Denise. Os Processos Psicossociais da Exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). *As Artimanhas da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

MOURA, Clovis. Estratégia do Imobilismo Social contra o Negro no mercado de Trabalho. *São Paulo em PERSPECTIVA. Revista da Fundação SEADE*, São Paulo, v. 2, n. 2, abr.-jun. 1988.

NOGUEIRA, Marco A. A Dimensão Política da Descentralização Participativa. *São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação SEADE*, São Paulo, v. 11, n. 3, jul.-set. 1997.

_____. Um Estado para a sociedade civil. *In: In: RICO, Elizabeth de Melo (Org.). Gestão Social: uma questão em debate*. São Paulo: EDUC/IEE, 1999.

OFFE, Claus. A Economia Política do Trabalho. *In: OFFE, Claus. Capitalismo Desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. A atual transição da história e algumas opções básicas para as instituições da sociedade. *In: Sociedade e Estado em transformação*. São Paulo: UNESP; Brasília: ENAP, 1999.

PAUGAM, Serge. *Por uma Sociologia da Exclusão Social: O Debate com Serge Paugam*. São Paulo: Educ, 1999.

PAULA LEITE, Márcia de. Qualificação, Desemprego e Empregabilidade. *São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação SEADE*, São Paulo, v. 11, n. 1, jan.-mar.1997.

_____; POSTHUMA, Anne C. Reestruturação Produtiva e Qualificação: reflexões sobre a empresa brasileira. *São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação SEADE*, São Paulo, v. 10, n. 1, jan.-mar. 1996.

POSTHUMA, Anne C.; LOMBARDI, Maria Rosa. Mercado de Trabalho e Exclusão Social da Força de Trabalho Feminina. *São Paulo em Perspectiva. Revista da Fundação SEADE*, São Paulo, v. 11, n. 1, jan.-mar. 1997.

_____. *Transformações do emprego no Brasil na década de 90*. In: POSTHUMA, Anne C. *Brasil: Abertura e ajuste do mercado de trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1999.

REY, Fernando G. Definições teóricas sobre la personalidad y el sujeto psicológico; sus repercusiones epistemológicas y metodológicas. In: *Epistemología Cualitativa y Subjectividad*. São Paulo: EDUC, 1997.

SAWAIA, Bader B. (Org.). O Sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.). *As Artimanhas da Exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SELIGMANN-SILVA, Edith. *Desgaste mental no trabalho dominado*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; São Paulo: Cortez Editora, 1994.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SERT. Centro Experimental Público de Formação Profissional. *Suporte Técnico em Informática. Programa Aprendendo a Aprender*. São Paulo: SERT, dez. 1998.

_____. Centro Experimental Público de Formação Profissional. *Preparação para o mundo do trabalho informatizado. Programa Aprendendo a Aprender*. São Paulo: SERT, jan. 1998.

_____. Centro Experimental Público de Formação Profissional de Vila Formosa. *Aprendendo a Aprender com a Comunidade*. São Paulo: SERT, dez. 2000.

_____. *Habilidades Básicas e Específicas: Educação profissional: a construção coletiva do conhecimento*. São Paulo: SERT, dez. 2000.

_____. *Programa Aprendendo a Aprender: A Busca do novo desenho para a formação profissional*. São Paulo: SERT, dez. 2000.

SINGER, Paul. *Globalização e Desemprego*. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. Desemprego e Exclusão Social. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: SEAD, v. 10, n. 1, jan.-mar. 1996.

SPINK, Peter. A democratização do poder local; gestão social na ótica subnacional. *In: RICO, Elizabeth de Melo (Org.). Gestão Social: uma questão em debate*. São Paulo: EDUC/IEE, 1999.

WANDERLEY, Mariangela B. Refletindo sobre a noção de Exclusão. *In: SAWAIA, Bader (Org.). As Artimanhas da Exclusão Social*. Petrópolis: Vozes, 1999.

WILHEIM, Jorge. O contexto da atual gestão social. *In: Gestão Social: Uma questão em debate*. São Paulo: EDUC, 1999.

ANEXOS

**TABULAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA COM OS USUÁRIOS DO CENTRO
EXPERIMENTAL PÚBLICO DE VILA FORMOSA**

	%	n	Resposta
Idade	100	13	20,3 (média)
Sexo	31	4	Feminino
	69	9	Masculino
Escolaridade	8	1	Superior incompleto
	69	9	2º grau completo
	23	3	Cursando 3º ano do 2º grau
1) Antes de realizar o "Programa Aprendendo a Aprender" residia	100	13	Com família ou membro da família
2) Depois de realizar o "Programa Aprendendo a Aprender" residia	100	13	Com família ou membro da família
3) Qual era a sua situação no mercado de trabalho quando você foi procurar o "Programa Aprendendo a Aprender"?	46	6	Do lar/estudante
	31	4	Desempregado
	15	2	Empregado sem contrato regular
	8	1	Autônomo
4) Qual é a sua posição atual no mercado de trabalho?	23	3	Do lar/estudante
	23	3	Desempregado
	31	4	Empregado com contrato regular
	8	1	Empregado sem contrato regular
	8	1	Autônomo
	8	1	Em período de experiência
5) Através de que meios conseguiu o primeiro emprego na cidade de São Paulo?	46	6	Indicação de amigos/parentes
	15	2	Jornais
	15	2	Viu anúncio na entrada do estabelecimento
	8	1	Agência de empregos
	8	1	SERT
	8	1	Ainda não conseguiu o primeiro emprego
6) Onde aprendeu a atividade profissional que proporcionou encontrar emprego na cidade de São Paulo?	8	1	Na cidade de origem (caso não seja da cidade de São Paulo)
	55	7	No local de trabalho na cidade de São Paulo
	15	2	Prática
	15	2	Ajudando familiares em seus empreendimentos
	8	1	Ainda não conseguiu o primeiro emprego
7) Porque procurou o "Programa Aprendendo a Aprender"?	31	4	Necessidade de trabalhar pela primeira vez
	15	2	Estava desempregado e buscava emprego na mesma profissão
	8	1	Estava desempregado com possibilidades de mercado de continuar na profissão, mas queria mudá-la
	31	4	Estava desempregado e pretendia atualizar-se, fazendo um curso que o preparasse para as novas exigências de mercado (informática)
	8	1	Estava empregado, mas tinha curiosidade e interesse pelo curso
	8	1	Não estava à procura de emprego, mas achou que seria bom adquirir novos conhecimentos
8) Como entrou em contato com o "Programa Aprendendo a Aprender"?	55	7	Por informação de amigos/parentes
	8	1	Jornais de bairro
	23	3	Sindicato
	8	1	Instituição Dom Bosco
	8	1	Poupa Tempo

9) O que o programa lhe forneceu profissionalmente (habilidades específicas)?	31	4	Novas formas e ensinamentos de como realizar o trabalho que vinha desenvolvendo
	40	5	Como trabalhar em uma nova profissão
	15	2	Conhecimento para aplicar na atividade atual
	15	2	Noção da atividade em si e da postura dentro do ambiente de trabalho
10) O que o programa lhe ofereceu pessoalmente (habilidades básicas)?	23	3	Compreensão do funcionamento do mercado de trabalho e dos direitos em relação aos contratos de trabalho, além de maior motivação e melhoria dos relacionamentos pessoais
	8	1	Compreensão do funcionamento do mercado de trabalho e dos direitos em relação aos contratos de trabalho, além de maior motivação
	8	1	Compreensão do funcionamento do mercado de trabalho e dos direitos em relação aos contratos de trabalho, além de melhoria dos relacionamentos pessoais e vivência de situações comuns ao ambiente de trabalho
	15	2	Compreensão do funcionamento do mercado de trabalho e dos direitos em relação aos contratos de trabalho
	8	1	Compreensão dos direitos em relação aos contratos de trabalho e melhoria dos relacionamentos pessoais
	8	1	Compreensão dos direitos em relação aos contratos de trabalho e administração
	15	2	Compreensão do funcionamento do mercado de trabalho
	8	1	Maior motivação para o trabalho
	8	1	Melhoria dos relacionamentos pessoais
	11) Passou por momentos de dificuldade em relação ao mercado de trabalho, desemprego ou baixa renda?	85	11
15		2	Não - questão 11
11-A) A quem você recorria neste período de dificuldades?	8	1	À família, amigos, e à profissionais da área de saúde (Instituto Dom Bosco)
	23	3	À família e amigos
	55	7	Apenas à família
	15	2	Não passaram momentos de dificuldade
11-B) Que conseqüências houveram em relação à sua saúde em relação a este mesmo período?	8	1	Isolamento das atividades sociais, piora no relacionamento familiar (agressividade) e problemas de fundo nervoso (insatisfação, pessimismo)
	8	1	Piora no relacionamento familiar e problemas de fundo nervoso
	15	2	Piora no relacionamento familiar (sentimento de inutilidade)
	8	1	Problemas de fundo nervoso
	8	1	Desânimo, ansiedade de recuperar a atividade e o rendimento
	8	1	Isolamento dos amigos
	8	1	Interrupção dos estudos
	37	5	Nenhum
12) Acha que o Programa te ajudou a arrumar emprego?	61	8	Sim
	39	5	Não
13) (Caso esteja desempregado) Porque, mesmo fazendo o Programa você ainda não arrumou emprego?	80	4	O programa preparou o suficiente, mas não há emprego no mercado
	20	1	O curso foi insuficiente (muito rápido e superficial), abordando apenas uma pequena parte da extensa apostila distribuída

13-A) (Caso esteja empregado) Em que local você arrumou emprego?	37	3	No próprio bairro			
	25	2	Em bairro próximo (uma condução)			
	25	2	Em bairros distantes (duas ou mais conduções)			
	12.5	1	Região da Grande São Paulo			
14) Você acha que o Governo do Estado fez uma boa coisa criando este programa?	100	13	Sim			
15) Como você percebe a situação de emprego hoje em São Paulo?	55	7	Péssima			
	23	3	Ruim			
	23	3	Regular			
16) Que fatores sociais você apontaria como difíceis para a sua atual situação de vida? Enumere conforme o grau de importância .	Incidência da ordem de colocação					
	1°	2°	3°	4°	5°	6°
Desemprego	-	X	-	-	-	-
Habitação	-	-	-	X	-	-
Saúde. Assistência Médica	-	-	X	-	-	-
Violência	X	-	-	-	-	-
Aposentadoria	-	-	-	-	X	-
Outros (transporte, requalificação)	-	-	-	-	-	X
17) Você acha que o governo (municipal, estadual ou federal) tem condições de melhorar esta situação (da questão acima)?	100	13	Sim			

**QUESTIONÁRIO APLICADO AOS USUÁRIOS DO CENTRO
EXPERIMENTAL PÚBLICO DE VILA FORMOSA**

Nome.....
 Endereço.....Tel.....
 Bairro.....CEP.....
 Naturalidade.....Estado.....
 Idade..... Sexo.....Escolaridade.....
 Estado Civil: antes do programa.....Depois do programa.....
 Situação Familiar: () Chefe de família () Cônjuge () Filho(a)
 () Outra.....
 Curso realizado no Programa Aprendendo a Aprender.....
 Ocupação anterior ao programa.....
 Ocupação atual.....

1- Antes de realizar o "Programa Aprendendo a Aprender" residia:

- () Com família ou membro da família. Especifique.....
 () Só. Forma de moradia:.....
 () Com amigos. Forma de Moradia:.....
 () Outros. Forma de Moradia:.....

2- Depois de realizar o "Programa Aprendendo a Aprender" residia:

- () Com família ou membro da família. Especifique.....
 () Só. Forma de moradia:.....
 () Com amigos. Forma de Moradia:.....
 () Outros. Forma de Moradia:.....

2 A - (Se for de outro estado ou cidade do interior paulista) Há quanto tempo reside na Cidade de São Paulo?

- () Menos de 1 ano.
 () Entre 1 e 2 anos.
 () entre 2 e 4 anos.
 () Mais de 4 anos.

Ano de chegada na Cidade de São Paulo:.....

2 B - (Se for de outro estado ou cidade do interior paulista) Qual o motivo que o trouxe à Cidade de São Paulo? _____

- () Falta de trabalho.
 () Más condições de vida (se trabalhava no campo).
 () Más condições de vida (se trabalhava na cidade).
 Outros. _____

3- Qual era a sua situação no mercado de trabalho quando você foi procurar o Programa "Aprendendo a Aprender"?

- Do lar/ estudante.
- Desempregado.
- Empregado com contrato regular.
- Empregado sem contrato regular.
- Autônomo. Especifique _____
- Outro: _____

4- Qual é a sua posição atual no mercado de trabalho?

- Do lar/ estudante.
- Desempregado.
- Empregado com contrato regular.
- Empregado sem contrato regular.
- Autônomo. Especifique: _____
- Outro: _____

5- Através de que meios conseguiu o primeiro emprego na Cidade de São Paulo:

- Indicação de amigos/parentes.
- Jornais
- Rádio/TV.
- Sindicato.
- Outros: _____

6 - Onde aprendeu a atividade profissional que proporcionou encontrar emprego na Cidade de São Paulo:

- Na cidade de origem (caso não seja da Cidade de São Paulo).
- No local de trabalho na Cidade de São Paulo.
- Escolas de aprendizagem industrial/comercial em São Paulo. Qual (is) _____
- Sindicato.
- Outros _____

7 - Porque procurou o Programa Aprendendo a Aprender?

- Necessidade de trabalhar pela primeira vez.
- Estava desempregado e buscava emprego na mesma profissão.
- Estava desempregado com possibilidades de mercado de continuar na profissão, mas queria mudá-la.
- Estava desempregado sem possibilidades de mercado de continuar na profissão e queria mudá-la .
- Estava empregado e queria reciclar (atualizar) o trabalho.
- Estava empregado mas queria mudar de profissão.
- Outros _____

8 - Como entrou em contato com o Programa Aprendendo a Aprender?

- () Por informação de amigos/parentes.
 () Divulgação no bairro pelo programa.
 () Ocasionalmente. Estava passando pelo local.
 () Jornais de bairro.
 () Sindicato.
 () Outros: _____

9 - O que o programa lhe forneceu profissionalmente (habilidades específicas)?

- () Novas formas e ensinamentos de como realizar o trabalho que vinha desenvolvendo.
 () Como trabalhar em uma nova profissão.
 () Novo emprego.
 () Outros. Quais _____

10- O que o programa lhe ofereceu pessoalmente (habilidades básicas)?

- () Maior motivação para o trabalho.
 () Compreender como funciona o mercado de trabalho.
 () Compreender meus direitos em relação aos contratos de trabalho.
 () Melhorar os relacionamentos pessoais.

11 - Passou por momentos de dificuldades em relação ao mercado de trabalho, desemprego ou baixa renda?

- () sim - questões 11A e 11B. () não - questão 12

11 A- A quem você recorria neste período de dificuldades?

- () Família.
 () Amizades.
 () Religião.
 () Profissionais da área de saúde.

Quais? _____.

- () Instituição pública () Instituição privada (Convênios, etc)
 () Sindicatos.
 () Outros _____
-

11 B - Que consequências houveram em relação à sua saúde em relação a este mesmo período?

- () Isolamento das atividades sociais.
 () Piora no relacionamento familiar.
 () Problemas de fundo nervoso.
 () Problemas de saúde geral.
 () Alcoolismo.
 () Outros _____

() Nenhum.

12- Acha que o Programa te ajudou a arrumar emprego?

- () Sim () Não

Porquê _____

13- (Caso esteja desempregado) Porque, mesmo fazendo o Programa você ainda não arrumou emprego?

- () O programa preparou o suficiente mas não há emprego no mercado.
 () O programa não preparou o suficiente.
 () Outros. Quais _____

13 A - (Caso esteja empregado) Em que local você arrumou emprego?

- () No próprio bairro.
 () Em bairro próximo. (Necessidade de tomar até uma condução).
 () Em bairros distantes. (Necessidade de tomar duas ou mais conduções, ou então mais de duas horas para chegar ao local de trabalho).
 () Região da Grande São Paulo.
 () Outros: _____

14 - Você acha que o Governo do Estado fez uma boa coisa criando este programa?

- () Sim.
 () Não.
 () Porquê? _____

15- Como você percebe a situação de emprego hoje em São Paulo?

- () Péssima () Ruim () Regular () Boa () Ótima
 Porque _____

16 - Que fatores sociais você apontaria como difíceis e problemáticos para a sua atual situação de vida? Enumere em grau de importância. (Comece pelo número um como o mais importante).

() Desemprego.

() Habitação.

() Saúde. Assistência Médica.

() Violência.

() Aposentadoria.

() Outros. _____

17- Você acha que o governo (municipal, estadual ou federal) tem condições de melhorar esta situação (da questão acima)?

() Sim.

Como _____

() Não.

Porque _____

ENTREVISTAS

NOME: José Luiz Rica, Secretário Adjunto de Emprego e Relações de Trabalho.

DATA DA ENTREVISTA: Dezembro/2000.

FORMAÇÃO: Engenheiro industrial, deformado, depois eu fiz curso de extensão na área de Humana e Social, especialização da área de Humana e Social de Empresas.

FUNÇÃO NO PROGRAMA APRENDENDO A APRENDER: Eu sou coordenador do programa. Sempre fui. Porque, na realidade, o programa tem uma estrutura, não sei se você já pegou a estrutura do programa como um todo, tal coordenação ficou no nível do secretário e o secretário me delegou para poder fazer a coordenação desse programa.

1 - Qual foi a sua atuação no projeto e que funções desempenhava?

Eu acho que o importante é o por quê desse projeto, como é que ele nasceu, por mais que seja repetitivo para você eu vou contar a história de acordo com a cronologia dela. Quando a gente chegou na secretaria, a gente verificou que o espaço na Secretaria de Trabalho do Estado ele era muito limitado porque toda a legislação trabalhista é coisa federal então, a gente precisava criar um espaço próprio para poder atuar aqui na secretaria e esse espaço próprio, fundamentalmente, era a questão do emprego, em termos de políticas públicas de emprego você poderia fazer muito mais coisa do que a política pública de relações do trabalho que é uma coisa privativa do governo federal. Embora São Paulo seja um grande laboratório, porque aqui é que estão as grandes entidades nacionais tanto do lado patronal quanto do lado dos trabalhadores, a competência não é de São Paulo a competência é do governo federal, então a gente verificou que era necessário olhar a questão seguradora e emprego e na questão do lado do emprego nós verificamos, também, que o emprego estava mudando de rumo, ou seja, você está no fim de um ciclo de 200 anos industrial e você começa um novo ciclo que você não sabe nem qual é e esse novo ciclo é um ciclo novo, ele carrega dentro dele uma imensa transformação, essa transformação ela, seguramente, nos remete não só ao novo modelo de relações de trabalho, que a gente não sabe bem qual vai ser, ao novo modelo de empresa, que a gente também não sabe como vai ser e fundamentalmente a um novo modelo de forma de trabalhar. Sempre que você tem mudanças radicais e modelos como foi no final do século XVII com a revolução industrial e que trouxe 200 anos de indústria e agora com uma revolução do conhecimento que vai mudar de novo esse eixo e, portanto, nós não vamos viver mais no modelo da indústria, nós vamos viver um outro modelo, você tem a internet, você tem o trabalho em casa, você tem o trabalho autônomo, você tem toda a visão de não mais pertencer a um produto a uma única empresa, esse produto pode ser feito uma parte na África do Sul, outra parte na Tailândia, outra parte pode ser feito na Argentina e ser montado no Brasil e produto hoje e a produção industrial cada vez mais automatizada. Você, de repente, de 200 anos de preparação de todos os recursos que se tinha disponíveis para a indústria, você automatiza essa indústria e todas as funções que o homem estava sendo preparado para fazer ela some, não digo todas, você nunca pode ser absoluto, é uma transformação radical grande, significativa. O que fazer para você reciclar esse pessoal todo? Toda a mudança do trabalho, a mudança da questão das relações do trabalho, a mudança do trabalho e portanto, a mudança da natureza da forma de trabalhar e portanto, a forma de relação e emprego ela nos remete uma mudança de comportamento e por sua vez uma

mudança de conhecimento, então você tem que verificar o que você faz com a formação profissional. Essa foi a discussão proposta inicial que está subjacente a este programa não nasce como um programa.... ele nasce dessa angústia de como é que você olha o futuro e esse futuro do trabalho como é que ele se prepara para prepara, hoje, uma coisa que vem aí e que você ainda não sabe exatamente o que é, então, nós começamos a olhar essa questão e consciente de que o governo pode muita coisa mas, o governo não pode tudo, nesse sentido, você não podia pensar numa estrutura de formação profissional sem levar em consideração o que existe hoje de formação profissional, ou seja, nós estamos pensando numa transformação de uma capacidade existida e que deve ser canalizada para um futuro diferente do que é hoje, para você fazer isso você tem que chamar quem está fazendo, então, o programa partiu da OIT, nós conversamos com a OIT, com o Ministério do Trabalho, com o Ministério da Educação e de uma visão global nós verificamos que o assunto deveria ser tripartite e a partir daí, em meados de 95 e final de 95 nós ficamos dando ... de como é que nós montaríamos um grupo para poder discutir o futuro do trabalho e portanto, tendo o futuro do trabalho o futura da formação profissional e em janeiro de 96 nós juntamos um grupo de 21 pessoas, colocamos em volta de uma mesa, eu coordenando uma delas e essas 21 pessoas dividiam conosco a nossa angústia e a partir daí nós começamos a pensar formas de fazer essa coisa toda, como mexer na formação profissional uma vez que, num modelo industrial você tem os S's todos, você tem indústria, comércio, serviços, agricultura, e quem é que sustenta toda essa estrutura? É toda a folha de pagamento das empresas, no entanto, a própria mudança do trabalho e aí temos que tomar muito cuidado com o que estamos falando, porque você entra num campo extremamente perigoso, a própria mudança do trabalho nos remete a uma coisa que é uma composição diferente da população economicamente ativa, você hoje tem menos de, um falam em 30, eu não acredito que seja só isso, eu não tenho o número exato mas, certa de 40% da população economicamente ativa é que está formalizada, os outros 60, 59, 58% já não estão mais formalizada, então, quem está sustentando toda estrutura do modelo industrial é um grupo cada vez menor e que deverá, que recolhe os seus salários, o próprio problema da previdência, tudo isso são sintomas de um modelo que está exaurido e que está precisando ser revisto e organizado, na medida em que você não tem mais os 100%, 80% ou 70% da população economicamente ativa engajada no mercado formal e você baixo, você vai ter cada vez mais gente ou menos gente pagando menos dentro de um monte que vai sustentar a política pública de emprego e política pública do trabalho, isso nos remete a uma outra questão que é como é que você coloca de novo a mão-de-obra ou a população economicamente ativa no mercado formal. Que mercado formal? Esse industrial não vai existir tanto o que existiu. Qual é o novo mercado formal? Então, começa a discussão. mas cooperativa de trabalho é um mercado formal ou informal? O autônomo recolhendo e não sendo registrado como trabalhador vai ser registrado como autônomo, vai ser formal ou informal? Como é o fundo de garantia e as férias desse autônomo? Não tem. Como é que é o fundo de garantia, as férias de um cooperado de trabalho? Não tem. Como é que é esse negócio? Agora, eu sou um biscateiro, um cara que faz um serviço a parte de qualquer de qualquer tipo de contribuição. Então eu sou informal. O mercado informal, é isso que nós temos que tomar muito cuidado, ele está misturado, você tem coisas que são embrião de coisas novas, que estão nos apontando soluções e ao mesmo tempo tem o mercado formal, do pessoal que está registrado, com todos os direitos do mercado formal, só que cada vez menos gente. Essa estrutura de cada vez menos gente que está sustentando aquilo que é os 200 anos e que está no fim, todo o sistema de formação profissional dos O governista estabelece o sistema público de emprego com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador para poder, inclusive, amparar aquele desempregado, porque desempregado não tem quem dê treinamento para ele, não tem S, o desempregado é desempregado não em quem, então o governo vem para poder suprir essa lacuna, só que isso é uma parte de um processo que ainda não está

definido, não está completo, são políticas públicas que vem na transformação. Não sei se estou sendo claro, mas, existe um quadro extremamente complexo atrás desse programinha, ou seja, esse programa não nasce como um programa de formação profissional, ele nasce para dar resposta a isso tudo que nós estamos colocando, é uma gênese complicada. Discutindo isso tudo, com esses 21 componentes, sete representantes dos trabalhadores, sete representantes de empresário, sete representantes de governo e universidade, a gente chegou a conclusão que não adiantava a gente querer teorizar, na época você já tinha em andamento uma Lei de diretrizes e bases em elaboração, não estava ainda aprovada essa situação valeu em janeiro de 96, a Lei só veio ser aprovada em dezembro de 96, como não adiantava a gente quer fazer uma legislação ou proposta de legislação porque as coisas já estavam andando, o que aconteceu, nós resolvemos fazer três programas práticos, três projetos práticos, ou seja, projetos que fizesse no seu conjunto, desse uma visualização nessa complexidade todo, um observatório do futuro do trabalho e da formação profissional que seria a resposta a essa angústia, seria então o observatório do futuro do trabalho, esse observatório observando que tem, poderia nos dizer o que fazer, este o que fazer deveria ter uma metodologia nova que pudesse ser aplicada a uma realidade nova e essa realidade nova deveria levar em consideração uma coisa também extremamente importante, porque nós aqui no Brasil sofremos duas ondas simultâneas, a primeira é a onda da transformação toda que eu acabei de referir, essa situação do trabalho e que vai mudar, as pessoas que sabem vão ter que saber outras coisas e a outra coisa que nos pega é o atraso da nossa educação do nosso trabalhador, ou seja, nós temos uma população de trabalhadores com uma escolaridade média de 4 anos e meio, São Paulo é um pouco melhor, é seis anos, seis anos e meio, contra oito de Mercosul, 9 de alguns países como Argentina e Uruguai e 12 ou mais dos países desenvolvido, como é que se quer falar em globalização, em blocos de mercado etc. se você entra com um diferencial de despreparo (essa pequena parte não foi gravada) . acelerar essa questão e a metodologia de formação dessa transformação para o futuro, já que nós vamos ter que mexer no conhecimento de alguém para ele aprender coisa nova, esse conhecimento que fosse mexido junto, uma nova metodologia que também suspendesse o nível de escolaridade dessas pessoas, isso deveria estar tudo junto numa visão de uma formação profissional cidadã, ou seja, olhando o universo como um todo e não apenas treinando uma pessoa para ela aprender alguma coisa por isso que o programa acabou sendo chamado "aprendendo a aprender", porque nós não queremos ensinar nada a ninguém, ou seja, o tempo de ensinar as pessoas já passou agora as pessoas tem que aprender é diferente, ou elas aprendem mudando a elas mesmas ou não adianta ensinar porque se eu ensinar alguma coisa para as pessoas eu não vou ter velocidade para ensinar tudo na medida em que a tecnologia vem com uma velocidade muito maior. Eu aprendo a mexer num aparelho como um desse aqui que está aqui em cima da mesa e eu nem desconfio inde eu aperto os botões dele, se eu não aprender a lógica de qualquer aparelho desse eu vou ter que ser treinado para cada um deles, só que vai ter, se vier 10 pessoas aqui me entrevistas vão vir 10 desses aparelhinhos diferentes e eu não vou saber ligar os 10, agora, se eu souber a lógica de como liga então eu ligo qualquer um, você repara que a lógica se repete tanto CD, quanto computador, todos eles tem uma lógica que é só você aprender que você acaba mexendo com eles todos, mas, não é fácil, principalmente quando é uma pessoa que não tem um conhecimento básico, no entanto, a pessoa que não tem conhecimento básico adulta, ela tem uma vantagem, ela tem experiência e a experiência nos remete para a sabedoria dela, então as pessoas que são analfabetas ou que tem 2 ou 3 anos de escolaridade elas tem experiência de vida e, portanto elas tem sabedoria. O que é a sabedoria que eu chamo? É o saber das coisas sem saber que sabe, as pessoas tem explicações para as coisas sem sabe que sabe, a metodologia nova de aprendizado tem que fazer com que as pessoas entendam o que elas sabem e a partir daí elas começam a desabrochar e começam a ampliar e de repente você, em pouquíssimo tempo, como nós já comprovamos 4 anos de

experiência de projeto, você vê que as pessoas em pouquíssimo tempo, 4 ou 5 meses, conseguem calcar conhecimento formal de 2 ou 3 anos de escolaridade, por que? Porque sabem. Apenas não sabiam que sabiam então precisa sistematizar isso e fechar esse governo. O segundo projeto é um projeto básico e de habilidades específicas é um projeto que dá às pessoas esta visão de como fazer as coisas e aprender a aprender a fazer as coisa e não aprender apenas a fazer, para poder fazer isso tudo nós tínhamos que ter uma laboratório para testar essa metodologia que o observatório indicou o que deveríamos fazer, esse teste poderia ser feito em qualquer lugar e nós chamamos de Centro Público Experimental, por que experimental? Porque era um centro público de experiências, experiências do quê? Dessas coisas que nós acabamos de falar. Um exemplo que eu dou sempre, inclusive o Senac já usou isso, já saiu até na Globo, foi desenvolvido em conjunto com eles inclusive no próprio Centro Público é o seguinte, você desenvolve uma metodologia e coloca em cima da mesa para um grupo de mulheres, como nós pegamos na Vila Formosa, de baixa escolaridade, arrimo de família e como elas diziam, sem saber o conceito econômico, elas diziam que eram chefes de famílias quebrados, estavam quebradas mesmos, não conceitos vida quebrada econômico era quebrada porque estava quebrada mesmo, não só financeira como moralmente, ou seja, mulher com filhos e sem nenhum tipo de receita, com risco da molecada ir para a droga, em fim, tudo um quadro negativo. Essas mulheres vieram e elas queriam ser domésticas do Morumbi, veja que coisa interessante, qual era a imagem que a sabedoria coloca nas pessoas, por que no Morumbi? Porque lá é onde, na cabeça delas devem acontecer as coisas mais avançadas em termos de exigência de uma patroa para uma empregada, sem saber que ali, no ladinho delas, no Tatuapé tem uma mancha de riqueza e que elas não precisam ir para o Morumbi (risos)... o emprego delas que tem uma mancha rica lá. Nós desenvolvemos junto com vários parceiros e também tem ma característica, nenhum dos nossos projetos e você veja que ele já começou com 21 pessoas, esses três projetos foram construídos, concebidos por grupos de 24 pessoas, eles que escreveram esse projeto, quer dizer que esses projetos foram escritos durante o ano de 1996, quando foi em agosto eles apresentaram à sociedade num grande seminário, os três ... Observatório, Habilidade e o Centro Público foram construídos pela sociedade de uma maneira pública e não mais governamental, nós éramos um num grupo de 24 pessoas para cada um desses três projetos, então, o que consiste esse processo? Consiste em detectar necessidade de alguém com Observatório detector, essas pessoas ou de empresas ou de um grupo de pessoas, inclusive olhando o trabalho no futuro, há necessidade de se construir opções de geração de renda possíveis para pessoas que não tem grande preparo, desenvolveu-se através de parceria no Centro Público com as entidades locais de formação profissional uma metodologia de ensino para esta questão de serviços domésticos e fomos testar esse modelo num laboratório do Centro Público, o projeto Habilidades desenvolveu esse programa e voltou a testar no Centro Público, o que significa isso? Pegamos um microondas e colocamos em cima da mesa, as 15 ou 18 mulheres em volta da mesa recebendo a primeira aula. Então vamos ligar o microondas. Alguém sabe ligar o microondas? Ninguém sabia ligar o microondas. Então vamos pegar o manual e vamos ver como é que liga o microondas. O que foi que aconteceu? Ninguém sabia ler. Então, vamos aprender a ler o manual e o que acontece? Então, esquece não vamos ensinar a ligar, vamos ensinar a ler o manual, na hora que você lê o manual você aprende português, matemática, física, história, geografia, tudo que você pode imaginar, cidadania, por que? Porque da onde que vem o calor? De onde que vem o frio? Por que existe um forno? Como é que a humanidade fazia a história do forno? Sempre foi microondas? Já foi de pedra, de barro, de lenha, a preservação da natureza, em fim, e ... manual precisa de cálculo de como é que faz o tempo, a noção do tempo, a temperatura, tudo está lá aprendendo nesse maual e ao mesmo tempo o que ele significa dentro e uma casa, dando outras complementaridades da profissão dos serviços domésticos? Aprende a ler, aprende a ouvir, aprende a escrever, aprende a dar recado em 4

meses, por que? Porque eu fico desesperado para ... o manual é a mesma coisa pegar uma criança e ensina-la primeiro a ler para depois ligar o brinquedo, só que a criança não tem experiência, o que a mulher com 20, 30 ou 40 anos tem, ela aprende a ler em 4 meses, em 4 meses ela aprendeu a ler, em 4 meses ela tinha o segundo ano do primeiro grau conhecimento equivalente a 2 a 3 anos do primeiro grau então, isso equivaleu para que a gente batesse muito na tecla de que nós queríamos a certificação de competência, ou seja, agora precisa que as entidades possam dizer que quem vez isso desse jeito, com esse conteúdo tem o segundo grau e esse segundo grau vai valer aqui e no futuro vai valer na Argentina, no futuro vai valer onde for porque tem o selo de qualidade de um programa que foi colocado aí. O que nós fizemos? Nós não ensinamos nada e eles aprenderam e aprenderam a aprender, agora eles ligam qualquer aparelho elétrico porque sabem ler o manual de qualquer aparelho elétrico. Pode mudar o modelo do microondas, eles aprenderam a lógica do modelo, não precisa ensinar cada um, não vai queimar coisa nenhuma porque sabe ler o manual, com isso você faz duas coisa, você prepara, aliás três, você prepara a pessoa para uma profissão, você eleva o nível de escolaridade portanto nós daqui a pouco poderemos estar com seis anos de escolaridade média no Brasil e com oito anos daqui a pouco se você fizer a aceleração dessa forma e criando inclusive um ambiente não do bê-á-bá não da alfabetização porque ninguém agüenta mas, criando uma forma de ensinar e de aprender em que você motiva a pessoa porque ele quer fazer isso rapidinho, porque ela quer fazer para poder rapidamente ascender. O que aconteceu com a terceira consequência disso? A pessoa aprendeu, a pessoa teve uma visão de desenvolvimento de escolaridade e a pessoa não foi ser doméstica do Morumbi, ela criou uma cooperativa de trabalho, elas se juntaram e formaram uma cooperativa de trabalho, ou seja, elas aprenderam também a gerenciar, ou seja, serem gerentes de si mesmo, tem uma outra visão, pessoas que estavam na beira da exclusão em menos de seis meses viraram empreendedoras populares gerando rendas e agora vão prestar serviços e o sonho mudou, o sonho era uma Kombi que pudessem leva-las para os seus locais de manhã e busca-las nos seus locais a tarde porque ninguém mais queria ser doméstica de todos os dias, descobriram que poderiam ser diaristas porque além de ganhar mais era melhor para poder fazer todo o serviço, mudou a visão de mundo dessas pessoas, isto que é o programa para eles aprenderem e não é feito por nós, ele é feito em conjunto, um Centro Público para poder funcionar o que a gente faz? Nós montamos um conselho de compromisso dentro do Centro Público, esse conselho público é aberto e ele tem representante dos empresários para poder dizer o que eles precisam, representantes dos trabalhadores para dizer o que eles tem e como eles podem mudar, representantes da comunidade e associações locais, representantes das ONG's, representantes dos governos e fundamentalmente representantes das entidades de formação profissional locais, esses cinco grupos formam esse conselho e não importa quanto número de pessoas tem, o que importa e que cada uma dessas bancadas escolhem uma pessoa para, porque aí elas viram iguais independentemente do número de pessoas, uma pode ter 30 pessoas e outra pode ter cinco, pode indicar uma pessoa para montar um conselho de administração de Centro Público e, por enquanto, como ainda é um projeto que não foi institucionalizado ainda é um projeto do Governo do Estado enquanto responsabilidade para poder manter, mas a idéia é que isso seja transformado em uma instituição social e então teriam vida próprio com o governo participando, mas não mais sustentando de uma maneira definitiva, realiza e age de uma maneira que fica independente do próprio governo, essa é a idéia dos Centros Públicos, nós temos dois Centros Públicos o terceiro está começando agora de uma maneira diferente, o da Vila Formosa que é o mais antigo, o de Tupã que tem uma visão diferenciada e agora em Jaguariúna que nós fizemos uma provocação, esse está institucionalizado porque o Proeb entrou para poder financiar, inclusive, a própria formação regular, esse Centro Público de Jaguariúna vai ter duas partes, vai ter essa parte experimental e vai ter uma parte regular como se fosse uma escola de profissionalização normal é um

modelo que nós estamos num momento inicial, isso é o programa para a gente aprender como um todo, você tem uma visão participativa, uma visão que várias pessoas dos vários segmentos participam, hoje você tem os três conselhos que elaboraram os três projetos, que partiram daquele conselho dos 21, que formaram os três conselhos de 24, do Observatório, da Habilidade e dos Centros Públicos e os Centros Públicos cada um deles tem um conselho de compromisso popular e com uma administração pública, ... estes conselhos que nós chamamos agora de orientação que já foram conselhos de elaboração, de formulação, de implantação e agora são de orientação eles continuam existindo, dando orientação para os nossos projetos, a secretaria, enquanto isso não é institucionalizado, ela coordena os grupos executivos para poder fazer isso funcionar, esse ... grupo dos executivos a gente sempre que possível também pede a colaboração, principalmente, de recursos humanos para as entidades para poder fazer (fala interrompida).

2 - Essa administração aqui ela vai ser implantada ou...?

No Centro Público da Vila Formosa já existe até o conselho de administração ainda não está institucionalizado, mas já está funcionando, no Centro Público de Tupã existe o conselho de compromisso, mas não existe o conselho de administração e o Centro Público de Jaguariúna o conselho de compromisso já existe precisa ser completado e o conselho de administração já está formulado, mas ainda parcialmente, aqui é uma experiência que já está... porque aqui esses outros nós precisamos institucionalizar para poder acertar, então são três formas do mesmo modelo que estão em estágios diferentes que nós estamos tentando para poder, inclusive, implantar, a idéia é implanta-los e na medida em que for institucionalizado isso vai criando uma visão mais definida desse processo como um todo. Eu acho que respondi todas as suas perguntas.

3 - Eu acho que sim (risos), do programa aprendendo a aprender ... a situação sócio-econômica do Estado de São Paulo e da cidade de São Paulo.

É isso, realmente esse programa o que ele está se propondo? Esse programa ele é ambicioso, ele se propõem a ser o detonador de um novo processo de formação profissional no país, mas não é São Paulo que vai fazer, são as entidades que vão fazer, nós precisamos mudar o Senai, nós precisamos mudar o Senac, precisamos mudar as escolas profissionais, precisamos mudar as escolas técnicas, nós precisamos mudar das escolas sindicais de formação profissional, não somos nós do Estado que vamos mudar se elas não quiserem mudar, o que nós estamos oferecendo dentro do programa? Toda esta filosofia que eles estão aqui nesses conselhos, todos eles estão aqui, eles que formularam essa proposta e, portanto, eles podem testar um novo modelo e automaticamente ir se reformando de acordo com as suas próprias realidades, não adianta eu querer chegar para você e falar: - Monte. Não. Você vem aqui, você está vivendo, na medida em que você vai mudando (final da gravação)

4 - De forma geral, como vem se dando o relacionamento entre as entidades que estão envolvidas no processo de implementação do Programa?

... das outras entidades que não estão dentro do programa, mas que nos fornecem cursos de qualificação profissional no programa normal de formação profissional elas devem se aproximar cada vez mais do programa Aprendendo a Aprender para usar essa metodologia

e disseminar essa metodologia porque, inclusive, a gente pode ganhar em escala, porque o programa Aprendendo a Aprender como você vê ele é um formulador de políticas e a massificação tem que ser feita pelas entidades, na medida em que a gente financia também via verbas do Fundo de Amparo ao Trabalhador um programa amplo de formação profissional, acho que é fundamental, as entidades que são financiadas comecem a olhar a necessidade delas mudarem a sua forma de abordar o ensino e especialmente a formação profissional, de forma a se aproximar dessas teses que estão sendo desenvolvidas por parte desses parceiros todos que é resultado do programa Aprendendo a Aprender.

5 - Na sua opinião, quais são as principais características da população usuária do programa?

Eu acho que no nosso caso os usuários é quem definem o que eles querem, nós temos sentido que é preciso um equilíbrio maior entre as partes, os empresários precisam nos dizer mais claramente o que eles precisam, porque na medida que eles digam mais claramente o que eles precisam é possível ser preparar melhor os recursos humanos para que eles tenham uma resposta daquilo que eles precisam para ter um desenvolvimento de geração de emprego e renda. Eu acho que as escolas de formação profissional elas precisam dizer o que elas precisam, as comunidades precisam dizer o que elas precisam, eu acho que a visão dessa parceria é fundamental para que a gente possa ter essa condição coletiva e atender os interesses de cada um e o programa é perfeitamente conciliáveis nessas questões todas porque quando você se propõem a fazer coisas nesse sentido não é difícil você chegar nesses objetivos.

6 - Como pensa os aspectos motivações mais básicas, tem outras habilidades básicas dessa mesma população.

Como assim?

P - O que movimenta essa população? Os usuários do programa.

Veja bem, nós temos três níveis de usuários nesse programa.

P - A nível de motivação, quer dizer, aí é uma questão aberta, por exemplo, na questão do sonho.

Você tem três níveis de usuários, os usuários do Conselho que são as entidades todas que orientam o programa, no caso específico do Centro Público você tem os usuários do conselho de compromisso local que são as entidades todas que vão em busca da resposta que eles precisam e você tem o objetivo final que são os usuários final desse processo que é a população que vai ser atingida pela nossa metodologia, o programa em si ele não é um programa de massa, ele é um programa que é muito mais um fermento, ele é um catalisador, é como eu digo, as analogias nunca sempre são boas, mas eu digo que o programa Aprendendo a Aprender ele é o grande laboratório de pesquisa onde você vai desenvolver o medicamento, esse medicamento vai ser desenvolvido por um conjunto de espécies, com um conjunto de entidades especializadas, gente do governo, gente especializada no laboratório, gente especializada na indústria, que se juntam para poder desenvolver um produto novo, desenvolver esse produto novo testado e aprovado o que acontece com esse produto? Ele é

colocado no mercado das fábricas que são os laboratórios que produzem remédios, a fórmula é aprovada e os remédios, ela é comprada, é vendida etc. e que no nosso caso ela é dada, existe lá uma proteção qualquer, mas eles são multiplicados e disseminados para ser produzido em massa. O nosso, Aprendendo a aprender, ele é a parte do laboratório que formula a nova fórmula, uma vez que foi formulada essa nova fórmula qual é o produto disso? Você já viu, são aqueles livrinhos que são os nosso programas experimentais e que são agora colocados na internet e quem quiser usa, quer dizer, na medida em que quem quiser usar aquela metodologia que eu me referi, dos domésticos, você poder usar pela internet e a idéia é você fazer toda a escala de 0 a 2 de 2 a 4 e com outras modulagens e com outras especializações para você ter toda a carreira das pessoas para elas poderem galgar o seu conhecimento e a sua certificação, o que tem sido feito nessa amostragem ela tem sido extremamente positiva. Você precisa achar as pessoas que fizeram esses cursos, é fundamental, porque essa pergunta que você me fez deve ser feita a elas e nós já temos muitas pessoas que já fizeram, no primeiro, lá trás, em 96 – 97 foram os jovens de 16 a 21 anos que fizeram o primeiro programa chamado Mundo Informatizado do Trabalho que a idéia era muita mais pegar os jovens e traze-los para esse experimento e que viam a informática mas, assim como nós não ensinamos as pessoas a ligarem o microondas, também não ensinamos os jovens a mexer com o computador, o nosso objetivo era despertar nele a necessidade de se formar e ele através do computador ele aprendeu, claro que não muita coisa mas, com o tempo ele voltou para a escola e esse era o nosso objetivo. Depois nós tivemos o negócio das empregadas doméstica, o negócio das doceiras ou fabricante de móveis que formou uma cooperativa, nós temos aqui, na Vila Formosa, quatorze investimentos já realizados, quer dizer que, você vai ter que achar esse pessoal vai ter que achar porque esse quatorze investimentos vão mostrar, o mais recente que foi extremamente positivo foi com o cuidador de idosos, foi feito também em conjunto com várias entidades uma profissão hoje que não existe em termos de profissão, mas um trabalho que está sendo extremamente procurado porque a população de idosos está aumentando cada vez mais e não tem gente especializada para cuidar de idosos, não tem aquele feeling para cuidar, todo esse programa desenvolveu essas habilidades para poder cuidar dos idosos. O desenho, *design*, modas, por exemplo, um programa recente que saiu, que foi uma demanda local para o pessoal que quer fazer criação de gênero, então são coisas que ... efeito na população é fundamental. Nossos programas formam cerca de quarenta, sessenta pessoas por que? Porque são os testes do laboratório, testado e aprovado são repetidos e acertados em função das idades.

P - Então há diferença entre a população de jovens e a população mais experiente desse campo? Qual as diferenças?

Sem dúvida, eu acho que sim, na minha opinião sim. As motivações são as mesmas, mas eu acho que a população jovem, hoje, ele precisa de uma atenção muito grande porque, do meu ponto de vista, os jovens correm um risco maior do que o adulto, o adulto tem um pouco mais de maturidade embora quando não tem muito conhecimento mas tem experiência, tem sabedoria, o jovem não, o jovem é inquieto, o jovem é acelerado, o jovem é agitado, o jovem é angustiado e se você não dá resposta imediata para ele fazer alguma coisa ele perde o encanto daquilo, antes de aprender o que é aquilo, eu acho que a gente tem que tomar um cuidado muito maior com o jovem porque essa é a diferença, se nós não sabemos cuidar do idoso e sempre soubermos cuidar do jovem nós agora temos que investir muito mais no jovem e no idoso, um para poder a aprender a cuidar dele e o outro para não tirar dele a oportunidade que ele precisa e os jovens estão entrando em decepção em função da impressão de não ter nada para eles, ou seja, a vida para eles parece que vai acabar. Todos os nossos programas que envolve jovens e nós temos vários, é fantástica a reação do ascender do jovem, os

depoimentos, uns falam que estavam entrando nas drogas e parou, outros achavam que não ia acontecer nada para eles e aconteceu, em fim, toda a autoconfiança, a auto estima, para o jovem é muito mais importante do que para o adulto, o adulto tem muito mais forma de conseguir esse equilíbrio, o jovem não, o jovem não tem estrutura para encarar tantas dificuldades, precisamos investir muito nos jovens, a gente está olhando esse programa da juventude como uma coisa muito especial e a juventude tanto masculina quanto feminina, tanto negra quanto japonesa, ou seja, aqui nós temos que olhar a diversidade como um todo e os nossos programas normalmente olham essa diversidade, o desempregado para nós é um denominador comum, não tem muito o que olhar, a questão da idade é importante porque você tem formas de abordagens diferentes, mas é a única diferença. Nós temos um programa interessante que é Jovem Cidadão de serviço voluntário, as pessoas são recrutadas e dão cursos de informáticas para os jovens para resgata-los, para poder atraí-los e depois de novo o que se faz como ele é muito mais o desenvolvimento da cidadania e no final eles trabalham 180 horas para o programa nas comunidades, é um negócio indiscutível a reação, e os programas de jovens que a gente colocou no Aprendendo a Aprender também deram exatamente essa comprovação. Eu acho que a população jovem, hoje, precisa de uma atenção maior porque, realmente, em função dessa mudança do perfil no mercado de trabalho o jovem ficou meio sem lugar, não tem um lugar definido, na hera industrial era fácil, você botava o garoto para fazer estágio para poder ir cumprir uma carreira prevista, hoje não, hoje a coisa está diferente e a informática é a grande saca para o jovem porque ele se dá muito bem com isso e é a linguagem nova deles, eu acho que a gente tem que investir muito, mas não na informática clássica e sim na informática que leve para a novidade que é a velocidade da informação e a internet, eu acho que é aí que a gente tem que mostrar para os jovens todo o mundo o que se abre na frente dele e que ele ainda não enxergou e que vai colocar para ele uma nova postura, não uma nova postura só para o emprego, mas uma postura do empreendedorismo e é difícil.

P - Com menção as ... de ética e cidadania, os aspectos, vários aspectos, motivacionais ... (fala interrompida).

Eu acho que, na realidade, tudo que se faz, o programa quando eu apresentei, como você viu, ele dá uma visão integral para o cidadão, ele não dá uma visão técnica de treinamento, de formação, ele dá uma visão integral, essa visão integral passa pela cidadania e pela ética, não acreditamos em nada hoje que não leve em consideração o respeito ao cidadão e ao respeito à ética e, inclusive, os direitos da cidadania e o deveres da cidadania, em fim, o olhar a responsabilidade social das pessoas, das entidades, das organizações, das empresas, do governo e eu, o que me toca nesse negócio todo e é uma coisa que está tendo uma receptividade muito grande, eu lido com as questões dos problemas sociais há mais de 20 anos e agora isso virou moda, todo mundo está falando isso, mas, é uma coisa extremamente séria porque na realidade, isto faz parte da própria mudança de modelo, não só de modelo de trabalho, de modelo tecnológico, mas de modelo de gestão governamental, na medida em que você tenha um governo que não tenha uma amplitude tão grande quanto teve, quem vai ter a responsabilidade que o governo tinha? As pessoas das entidades, das organizações, das empresas não despertarem de uma maneira muito consciente e ética pra questão social elas vão brincar de estar fazendo responsabilidade social e vão agravar um quadro que já é grave, então é fundamental que as pessoas ao falarem de responsabilidade social entendam exatamente o que é isto, ou seja, é realmente ter a grande responsabilidade em função daquilo que, até a própria igreja já se manifestou, de que a toda propriedade você tem a sua hipoteca social, não se pode mais se quer viver visão de governo um pouco mais complacente em termos de interferência da questão da vida da sociedade, então a sociedade também de que

assumir a sua parte para não perder o equilíbrio, se perder este equilíbrio não vai ser mercado livre que vai dar jeito não, ou seja, a responsabilidade social é uma coisa que não é mensurado como é mensurada qualquer coisa com que nos padrões tradicionais, ou seja, o modelo muda e quando o modelo muda, muda tudo, ou seja, não se muda apenas uma coisa ou outra, é só ver como eram as coisas antes da revolução industrial para ver que o modelo mudou com a revolução industrial, ninguém vai querer repetir o que era antes, vai vir uma coisa nova, aí eu volto para o começo e essa coisa nova é nova em tudo e isto o que nós estamos fazendo é uma parte da busca do novo, da questão da formação profissional e uma parte que nós estamos procurando fazer em conjunto com quem tem responsabilidade, porque nós sozinhos não vai ser possível, não é mais possível ninguém sozinho fazer isto.

P - Comprova ali os resultados do programa... (fala interrompida)

Ah! Olha eu acho que, veja bem, é um programa, como eu disse outro dia, nós aqui temos uma característica desse governo que a gente não conta muito o que a gente faz, que é um problema muito sério, mas, eu acho o seguinte, nós estamos realmente, quando eu falo nós, eu falo todos esses atores, são mais de cem atores envolvidos nesse projeto como um todo, eu acho que nós estamos criando uma alternativa, um modelo que já está sendo muito procurado em termos de ter aquelas pessoas que conhecem, principalmente as pessoas especializadas porque ele envolve três questões, ele envolve a questão da formação profissional de uma maneira pública compartilhada e com uma gestão pública tecnicamente e com a gestão também pública, então eu acho que o grande resultado do programa é a gente ter conseguido manter este censo com muito cuidado como teve de formatar e agora neste ano a prova geral do programa, ou seja, nós vamos ter consolidado e uma vez consolidado a gente vai ter a absoluta certeza de que ele realmente vai permanecer com a sociedade governando.

P - Que instrumentos ou informações que o senhor está utilizando para avaliar

A gente tem uma avaliação clássica dos projetos como um todo e o que a gente tem colocado é o programa à disposição de vários atores sociais, tanto nacionais quanto de outros países, e todo mundo que olha este programa vê que ele é um programa, além de tudo, é um programa meio sugeneses, ele é original que não tenho similar no mundo não, com a forma de se trabalhar, com esta abrangência e com essa forma de gestão é uma coisa nova, então os instrumentos até para aferir os resultados dele é uma coisa que, na medida em que a gente tem agora uma proliferação maior de projetos realizados, de experimentos realizados e com a disseminação que vai ser feita junto com entidades eu acredito que a gente vai poder realmente estar contribuindo para a aceleração do aumento do nível de escolaridade e da melhoria da qualificação profissional, estas duas questões é que são fundamentais, é a melhoria da qualificação profissional aliada ao aumento da escolaridade, nessa visão integral de formação. O sucesso do programa não vai ser nosso, o sucesso do programa vai ser de quem usar, ou seja, se nós conseguirmos que um número maior de entidades passe a usar esta metodologia nós vamos ter, então, aí sim, o que avaliar se não a experiência fica como experiência piloto que será sempre, estará sempre à disposição de quem queira usar.

7 - Você gostaria de fazer algum comentário, algo que ...(fala interrompida)

Eu acho que a gente fica, sempre que fala desse problema, a gente fica muito gratificado porque na realidade o que está acontecendo é que as pessoas que estão trabalhando conosco também ficam gratificadas porque estão fazendo uma transformação e esta transformação é uma contribuição pequena que várias pessoas estão dando, mas que na somatória se tornam uma grande contribuição, então ao meu ver hoje, o país falando em certificação de competência, de melhoria de educação, a educação profissional sendo encarada como hoje, como em qualquer país do mundo, a gente olha e fala: -até que ponto a gente não tem um pedacinho de contribuição nesta coisa toda. Este programa chegou a contribuir, ... eu já falei, as pessoas que neles estão também estão no meio do trabalho da educação e da educação para o trabalho, então eu acho tem já uma influência que talvez ainda não seja consciente, mas ela já começa a ser uma penetração que está influenciando já algumas coisas, pode ser pretensão nossa, mas eu acredito que não tem nada de ser pretensioso porque, como eu digo, isto não é um programa de secretária só, é um programa que está aí e a secretaria apenas esta catalisando este processo ...

NOME: **Vânia Gomes Soares**

DATA DA ENTREVISTA: Fevereiro/2001

FORMAÇÃO: Socióloga

FUNÇÃO NO PROGRAMA APRENDENDO A APRENDER:

1 - Qual foi a sua atuação no projeto e que funções desempenhava?

Meu papel no projeto é de coordenação do projeto do centro experimental público e minha atuação, desde o início do programa, desempenhar tanto um papel técnico como administrativo, no início, até o programa ser reconhecido, nós trabalhamos por trás, ajudando os grupos que estavam escrevendo os projetos e vendo os projetos, eu entrei já estava nessa parte, o pessoal já estavam escrevendo o projeto, cada projeto, o grupo da Habilidade, o grupo do Centro e o grupo do Observatório, o meu papel era dar apoio, dar suporte nessa parte e já montando todo um seminário para estes projetos serem divulgados, se tornarem públicos, hoje eu sou coordenadora do projeto, depois eu fiquei como coordenadora técnica da SERT (verificar o nome), porque dentro do programa tem um coordenador técnico da SERT (verificar o nome) em cada projeto, tem um coordenador do conselho... (muito barulho externo), dentro de cada projeto tem um conselho de implantação que hoje a gente chama de conselho de orientação, já implantou agora um conselho que dá diretrizes. Esse conselho ele tem um coordenador desse conselho e esse coordenador nunca é da SERT é sempre de um dos parceiros, no caso do Centro Público esse coordenador era Anne Posthuma. (verificar) ela vinha da universidade, no caso do centro público, no caso do projeto Habilidades o coordenador era o Ugo, ele vinha da parceira com a Paula Souza e o coordenador do Observatório era do DIEESE, o Clemente, esses três coordenadores eram de parcerias, eles coordenavam esse grupo, eram coordenadores parceiros, eu trabalhava com esse grupo, abaixo ... tem um coordenador que é da SERT, coordenador técnico, um em cada um, no caso do Centro Público sou eu, no caso do Habilidades, não me lembro agora, no caso do Observatório era o Sérgio, esse pessoal técnico ficava aqui na SERT dando apoio para esse coordenador desse conselho e conduzindo o processo aqui dentro, porque as coisas que eram decididas aqui alguém tinha que fazer tinha que exercitar e o meu papel era de coordenador técnico da SERT, dentro do projeto, era contribuir com a SERT dentro do projeto.

2 Como você situa o programa Aprendendo a Aprender, face à situação sócio econômica do Estado de São Paulo e da cidade de São Paulo?

A idéia do programa era montar um novo desenho de formação profissional, uma formação profissional que você tratada com as necessidades, com as demandas, com resultados, a idéia era você montar um curso de formação profissional com tudo que o trabalhador precisava, por exemplo, o mercado está precisando de alguém na área de informática, para abrir um curso de informática você precisa saber que tipo de profissional você precisaria e você desenvolver um curso de acordo com as necessidades dos empresários, dos trabalhadores e com apoio das instituições educacionais para ...os formadores, para você ter um curso que de fato as pessoas saiam capacitadas para poder desempenhar a sua função, não um curso de informática que ... (muito barulho externo) e que na hora que você junta não tem muita coisa, mas que tivesse não só habilidades específicas feito os cursos do FAT ...(muito barulho) ... secretaria a maioria só dá habilidade para o curso, não tem nenhuma

preocupação com a habilidade básica, não tem preocupação com habilidade pessoal e no projeto, o que a gente percebeu é que a habilidade básica é muito mais importante do que a habilidade específica, porque na habilidade específica você ensina ele a apertar um parafuso, mas, ele sabe apertar um parafuso, no dia em que aquela máquina muda ele não sabe mais mexer naquela máquina mas, se ele tiver capacidade de aprender a aprender na hora que trocar a máquina ele provavelmente não vai precisar de um outro curso, basta ele ler o manual que ele acompanha, acho que a proposta do programa era essa, era mudar a forma de fazer formação profissional no Estado de São Paulo, na cidade de São Paulo. Na secretaria estadual a idéia é pegar todo o Estado, esse programa teria que desenvolver metodologias inovadoras e ele sairia, aqui está o programa de qualificação que trabalha com recursos do FAT, você faz a formação, a capacitação massiva e o programa Aprendendo a Aprender ia fazer ia fazendo assim, com as metodologias inovadoras, com novo desenho da formação profissional ele ia interferindo aqui, cada vez mais, para a gente tentar mudar isso aqui, fazendo com que o massivo tivesse um desenho novo. Eu acredito que a gente está começando a falar, o fato da gente estar no mesmo ..., a gente já tem interferências no programa de qualificação, uma das coisas que a gente interfere, por exemplo, dentro das habilidades básicas, agora nós estamos implantando a técnica da elaboração do portfólio, uma técnica que a gente trouxe desse convênio do Canadá, adaptou para uma realidade brasileira e colocamos isso num curso em 99 na Vila Formosa e em todos os cursos nos Centros Públicos em 2000 e está saindo esse manual e isso faz uma diferença no aluno, na participação do aluno na parte de habilidade básica, na melhoria do conhecimento dele, nas habilidades que ele tem, na autoconfiança, a diferença é muito grande, a motivação do participante é muito maior. O que nós estamos fazendo, isso já foi testado, está saindo o manual e nós estamos em contato com as pessoas da qualificação para selecionar algumas instituições esse ano que entraram com o projeto para a gente incluir essa técnica dentro das habilidades básicas, é aquilo que eu te valei, tem uma proposta de investir, de mudar principalmente o desenho da formação profissional, a gente sabe que isso vai começar pela habilidade básica, por isso a gente já está interferindo nos cursos, se isso der certo nessas dez instituições a proposta é que o ano que vem seja redigido um edital onde todos os projetos que entrem de fato necessitando dos recursos do FAT todos tenham na habilidade básica a elaboração do portfólio. O que é um portfólio? Portfólio é você reunir numa pasta todas as suas habilidades e competências, mas de vida não só profissional, porque muitas vezes você tem habilidades que você nem sabe que tem porque você não adquiriu essa habilidade num curso ou num trabalho, você adquiriu ao longo da sua vida e você não leva isso em conta, nós estamos tentando fazer, nós vamos selecionar agora junto com o pessoal da qualificação dez instituições para a gente fazer este teste e se isso der certo passa a ser, é assim, na minha opinião eu acho que a gente já está interferindo num novo desenho da formação profissional, o que tem por trás disso aqui? Na hora em que você você pode começar a reconhecer, ... a hora que você começa a reconhecer a ... você pode começar a especificar, a avaliar esta ... certificar esta ... então você está fazendo esta nova mudança, neste conceito da formação profissional no estado de São Paulo, então é assim, eu já fiz o que a gente já está começando a caminhar junto, é difícil, porque aqui é muito massivo, você não pode mudar de uma vez, mas assim eu já tenho certeza que tem, já estamos emparelhando, a outra coisa que interfere você, todo o pessoal que entra com o projeto na qualificação, não tem apostila, não tem material didático, e este material nunca foi avaliado, e agora nós ficamos sabendo que por causa da qualificação está contratando uma consultoria para trabalhar junto com o aprendendo aprender para ver a análise deste material, então eu acredito que tenha coisa boa ali, mas ninguém nunca foi olhar, de repente pode ser, que tenha metodologia que está muito próximo do ..., acho que já está colando, então eu acho que o papel é isto, a proposta para fazer este novo processo, novo ... da formação profissional para

interferir no macro, que seria a aqui dentro da secretaria que é uma política da secretaria de mudar esta formação profissional, eu acho que o programa esta começando a mexer.

3 - Quais são as maiores dificuldades de implementação e gestão do programa.

As dificuldades... fica meio difícil, o programa é muito ambicioso, você percebeu que, uma vez eu falei.

P - Talvez você fale, quando esta muito bem, está muito bem, ninguém precisa de ninguém, mas na hora que a gente cresce não é aí que a gente desenvolve, o Brasil não é tão fácil assim...

Tem as dificuldades, o programa é muito ambicioso, o programa não tem como ele ser pequeno, ele mexe, ora ele mexe com uma comunidade, você esta mexendo com tudo, mexe com a parte social, parte turística, aí você sabe o tamanho, à proporção que isto toma, e tudo que é instituição pública, é complicado também, porque, o que acontece no Brasil, toda vez que o governo esta junto à cobrança vem do governo, então a experiência do centro público, porque o prédio, a gestão do prédio é da secretaria, porque a secretaria que mantém água, luz, limpeza, o quê que acontece, eles acham que é só , que a comunidade acha que é só ir lá e cobrar da secretaria recurso para o curso e isso não é ser público continua sendo governamental, é muito difícil você colocar na cabeça do pessoal que lá é público, a secretaria faz a parte dela então tem que ver a parte dos empresários, do trabalhador, eles só querem cobrar dinheiro para curso, mas a secretaria saber administrar um curso não nós precisamos ...esse curso, também acho, se é para eles, precisamos reunir, ele não tem esse assessorio que eu te falei, trabalhar em parceria é muito difícil, por que? Porque um centro de ... é muito novo então está claro para todo mundo o que é ter compromisso, o que é ser parceiro, está onde eu chego e até onde eu tenho que cobrar, a dificuldade maior é isso, a gerência é difícil, porque você gerencia uma coisa que é comunitária, que é público é difícil, como que eu cedo um espaço, no Centro Público, para uma palestra, sem conversar com a própria comunidade, ele tem e posso esta cedendo, eu me colocar no papel do coordenador executivo do centro? Eu estou lá na ponta, lá com a comunidade, me solicitam um espaço e eu não posso decidir, quer dizer, porque é público, eu tenho que ter um conselho que trabalhe mais próximo para ajudar em tudo isso, porque não é da secretaria, essa dificuldade, a dificuldade da gestão é muito grande de cada um assumir o seu papel enquanto parceiro, enquanto membro daquela comunidade e fazer a sua parte, parar de cobrar só do governo, é vício, todo governo que entra tem que bancar tudo. Facilidade? Não sei se teve alguma facilidade. É um programa novo, ambicioso, eu não diria facilidade, é gostoso você montar um curso onde tem ..., você perceber o que é legal para o trabalhador, o que é legal para os empresários... (fala interrompida)

P – E as facilidades?

Não é facilidade, é gostoso você conseguir fazer com que os trabalhadores digam o que ele precisa aprender, qual é a necessidade dele com relação aquele curso, aquela demanda, ele sabe dizer o que precisa, é gostoso você aprender a ouvir aquelas pessoas, isso não é fácil. Eu não diria facilidade, eu diria que é uma coisa boa, animadora.

4 - De forma geral, como vem se dando os relacionamentos entre as entidades que estão envolvidas no processo de implementação do programa?

É o problema da parceria que eu já te falei, que a gente tem que trabalhar essa concepção melhor, juntos um com outro, o que é ser parceiro? O que é ter compromisso? Até a onde vai o meu papel? Eu acho que é isso.

5 - Você acha que há privilégios para atender a essas entidades ... ?

Que privilégio?

P - Por exemplo, as entidades patronais vem em primeiro, ...

Não tem, isso não tem. O que tem no projeto é o seguinte: montar um curso levantou a demanda, ... curso de telecomunicação levantou a demanda você pergunta quem é o seu parceiro para aquele curso e então entra quem achar que ele tem a ver com o curso, se tiverem dez entidades, as dez entram, desde que cada uma contribua com alguma coisa, porque senão não é parceiro. A preocupação da gente é não montar curso com menos de dois parceiros, não monta, não desenvolve nenhum curso, não elabora nenhum curso com menos de dois parceiros e não pode ser dois do mesmo segmento, essa é a preocupação, porque ele não pode ser um curso com dois empresários, ou um curso com dois trabalhadores, tem que ter pelo menos um empresário, um trabalhador; uma ONG e um empresário; uma ONG e um trabalhador, isso é uma preocupação do projeto, não elaborar nenhuma metodologia, não desenvolver nenhuma metodologia com menos de dois parceiros, por isso que não tem nenhum privilégio, existe essa preocupação, está dentro da concepção do projeto.

6 - Na sua opinião quais são as principais características da população usuária desse programa?

Não sei, porque depende do curso, quando você desenvolve um curso você desenvolve junto com os parceiros o perfil de saída e de entrada desse participante, por isso depende do curso, depende do perfil, por exemplo, esse curso de telecomunicações não podia ter alunos, candidatos com menos de dezoito anos, por que? Porque a instalação básica na área de comunicação, esse pessoal viaja muito e menos de dezoito anos é mais complicado para viajar, esse curso tinha um nível de escolaridade exigido mais auto por causa da área de física, de matemática, depende do curso, ao mesmo tempo, um curso de confeitaria e de doméstica você não precisa exigir um nível de escolaridade tão auto e geralmente o candidato quando fazem a inscrição é acima de dezesseis anos para ..., só no caso de cursos que tem essa exigência que, mas eu não saberia te dizer quem a gente está atendendo mais. O que acontece é que abre inscrição para aquele determinado perfil, na hora da seleção é que a gente olha isso. Você abre a inscrição, abriu a inscrição de Jaguariúna com limite, com vinte vagas nós fechamos as inscrições antes do prazo porque já tinha oitenta e poucos candidatos, não é o técnico da SERT ou o apoio pedagógico que selecionam o candidato, quem seleciona os alunos são os parceiros, como é que a gente faz? Eles têm uma ficha, nessa ficha eles tem idade, tempo de desemprego, escolaridade, número de membros na família, renda familiar, o que você procura a fazer junto com os parceiros na hora da seleção, primeiro: eles atendendo os pré-requisitos você procura selecionar quem está mais tempo desempregado, quem tem uma renda familiar menor ou tem mais membros na família, isso a gente sempre procura, ... para tentar atender os excluídos, desse oitentas, você separa pelo perfil, o pré requisito, vamos supor, desse oitenta sessenta preenchem os pré requisitos, e agora? Como é a seleção? E a

seleção é assim: vamos atender os mais velhos, com menos renda familiar, com mais tempo desempregado, a gente procura atender dessa forma, mas não é a secretaria que faz a seleção, quem faz a seleção são os parceiros, eles tem que assumir, inclusive, essa seleção. No caso desse de Jaguariúna uma das empresas parceiras vão contratar cinco pessoas do curso, já está assegurado até o emprego, se a gente selecionar, se a SERT selecionar ou o parceiro lá da prefeitura, isso pode dar problema depois, para evitar que fale: - o fulano foi selecionado porque ele é amigo, porque ele é parente. São os parceiros que tem que assumir essa seleção e de preferência tendo dois segmentos na hora da seleção, eu acho que depende do curso, mas a gente sempre tem essa preocupação.

7 - Como pensa os aspectos motivacionais básicos? Quer dizer, habilidades básicas dessa mesma população, essa diferença de população jovem que está a procura de emprego e a população já experiente que está

Diferença? A nossa preocupação com o trabalhador jovem, se ele não tem experiência e se já está difícil para quem tem, imagina para quem não tem experiência. O que os programas no Centro procuram atender tem uma linha voltada para os jovens e uma linha voltada para o restante do trabalhador, eu acho o que motiva os cursos são: a metodologia, a dinâmica, tem toda essa parte que eu te labei do portfólio que faz você aumentar a sua auto-estima, a sua autoconfiança, eu acho o que motiva é a forma de como você faz isso, é a metodologia usada que não é aquela metodologia que a pessoa entra na sala de aula as 8:00 e fica das 8:00 às 12:00 sentado ali, ele tem que ter alguma preocupação o pessoal do apoio pedagógico com dinâmicas que você faz, com a vivência, sempre, em todos os cursos ele tem a vivência numa empresa, ele tem contato com o que ele está aprendendo na realidade, ele não fica só dentro da sala de aula, tem essa preocupação muito grande, eu acho que isso motiva. Por exemplo, um curso para cuidar do idoso ..., um dia por semana ele passava numa instituição que atende ao idoso, não é só vendo, é de fato trabalhando, atendendo, conversando. A mesma coisa preparação para o mundo do trabalho informatizado, trabalhar com caixa eletrônico, com banco, com correio, não é só entrar na sala de aula e ouvir, tem toda uma dinâmica que é diferenciada e a vivência, eu acho que isso motiva, isso tanto na habilidade básica quanto na específica e essa motivação na básica faz com que na hora que ele vai para a específica a cabeça dele já está diferente, já mudou, ele vai com outro interesse, ele começa a ligar o que ele aprendeu na básica com a específica e muitas vezes a básica é dado dentro da específica, na hora que ele está aprendendo mexendo numa máquina ele está aprendendo junto a habilidade básica, a gente, às vezes procura ter toda essa e ida e vinda para ele perceber o ganho que ele está tendo naquela habilidade.

8 - Como você associa as dimensões de ética e cidadania aos aspectos motivacionais básicos?

A preocupação que a gente tem na hora que você dá toda à parte de habilidade, dentro das habilidades...entre gestão, mas acho que tem dentro ... também, porque toda a preocupação de enquanto cidadão, qual é o papel dele, qual é o papel dele enquanto cidadão, por exemplo, tem uma dinâmica que nós usamos o ano passado que você pegava uma, uma rede grande de lanchonete que tinha algumas frases: não jogue papel no chão, não piche, tinha algumas coisas sobre o cuidado que, enquanto cidadão, a pessoas tem que ter com a sua sala de aula, com a sua cidade, a gente usou esse material num jogo dentro da sala de uma forma que ele assimilasse com era o papel dele dentro da sociedade, o que é ética para ele, o

que é ser cidadão, eu acho que você passa essas coisas, mas de uma outra forma, não como outros usam, o cara vai lá e ouve uma palestra, eu acho que até essa parte a gente faz de uma forma inovadora, faz com que ele assimile, faz com que ele fique sabendo quais os seus direitos e deveres enquanto cidadão.

9 - Como você avalia os resultados do programa frente à população usuária?

Nós temos uma pesquisa perguntando o que era, no caso do Centro Público, porque no centro tem os três projetos funcionando, na verdade você vê o projeto Habilidade funcionando lá no centro, você não vai vê o projeto Habilidade funcionando fora do centro, o projeto Observatório fez uma pesquisa com os carteiros, os alunos e os monitores, eu acho que essa resposta não é minha, você teria que olhar aqui, porque vai mostrar qual é o problema, o que acontece, o que tem de positivo, o que tem de negativo, eu sugeriria que essa parte você lesse, o Centro Público na Voz dos participantes, o Centro Público na Voz dos Atores, tudo isso que está em azul são fala das pessoas, eu acho que a melhor resposta está aqui.

P - No seu ponto de vista.

Cada centro é diferente, no caso da Vila Formosa uma região que a maior parte da comunidade que participa do Centro Público..., é um centro mais complicado primeiro porque é São Paulo, São Paulo tem outra dimensão, tudo é muito grande para você trabalhar, ele é mais voltado para o setor comunitário, ONG's, pequenos ramos, muito ligado a partido, quando é ONG eles tem outra visão, a visão de cada um indo lá e vendo só a ONG ali dentro por isso eu acho muito difícil. No caso de Tupã o mais voltado é um centro que trabalha..., os empresários assumiram o centro, assumiram o papel deles, no interior tudo é mais fácil, quando você vai desenvolver um curso dentro de um Centro Público, na área de marcenaria, os empresários da área de imóveis vão todos, porque eles percebem o ganho que eles tem com aquilo, cada centro é diferente, Jaguariúna já se comporta de outra forma, eu acho que dos três, até agora, Tupã é o que tem mais o sentido de público do projeto, pode ser que Vila Formosa ... (final da fita)

(continuação da fita...)

... eu acho que no caso de Tupã o ganho é maior no ponto de vista por isso, porque o empresário vê o benefício para ele o Centro e o Centro consegue vê o benefício do empresário dentro do Centro, o trabalhador da mesma forma, então o que acontece? Quando você desenvolve um curso em Tupã, mesmo ele sendo experimental, quando você termina os participantes estão todos empregados, acho que é porque tem uma fusão maior entre trabalhador e empresário, eles assumem mais, a parceria funciona mais, eu acho que é um Centro mais fácil de você conduzir e eu acho que o usuário, tanto do lado do empresarial, do lado dos trabalhadores tem um ganho maior, porque se o empresário está contratando, está participando é porque ele está vendo que aquilo está indo para um caminho que ele acha que está legal, ele está contribuindo porque está vendo o benefício, do mesmo jeito o trabalhador, o trabalhador está sendo empregado porque o curso está sendo elaborado de acordo com que o trabalhador gostaria e de acordo com o que o empresário também gostaria, nesse caso eu acho que o ganho de Tupã é maior, é um centro que você tem menos experimentos, mas com certeza dificilmente a gente emprega menos de 80%, é incrível, nós chegamos a terminar um curso que ninguém veio retirar o certificado porque todos estavam trabalhando fora, estavam viajando e trabalhando, já estavam empregados, na metade do curso o empresário já sabe

quem ele vai contratar, quando isso acontece, nós atingimos o objetivo e o usuário está sendo beneficiado, eu acho que esse é o caminho. Jaguariúna está começando, ele tem uma outra conotação porque é uma escola, tem recursos do PROED, o que a gente está tentando fazer é casar a metodologia do programa dentro do PROED e a gente conseguiu isso lá, o prédio está começando a ser construído, só fica pronto em dezembro e ontem já iniciou um curso isso é para mostrar que não precisa de um prédio para iniciar um curso de nível básico, técnico já é diferente, mas de nível básico não precisa, foi de propósito começar antes do prédio está construído, até para deixar claro o que era o projeto no Centro Público, a gente ainda não sabe qual caminho vai ter lá, a gente já percebeu que o empresariado é diferente de Tupã, o que é o empresariado de Jaguariúna? É ...multinacional, é um empresariado com a cabeça diferente, mais desunido, mais preocupado com as novas tecnologias e que não é o de Tupã, em Tupã normalmente são empresas familiares que cresceram, a relação em Jaguariúna é diferente, cada Centro está sendo diferente um do outro, Jaguariúna é muito novo, para mim Tupã é que atinge quase que todos os objetivos do projeto e Vila Formosa é complicado porque é São Paulo, a região, eu acho que tem benefício, tem espaço público, tanto o empresário quanto o trabalhador, a comunidade em geral, souber usar mas é um Centro que dá mais trabalho.

10 - Você gostaria de fazer algum comentário?

Eu gostaria de fazer um comentário que eu falei no começo e acho que não foi gravado. Dentro do projeto o nosso maior problema é esse não escapar da metodologia porque a secretaria é o condutor do processo e trabalhar melhor toda essa concepção de parceria, é uma coisa muito nova no Brasil e as pessoas não sabem o que é trabalhar em parceria.

P - É o grande desafio?

É o grande desafio trabalhar essa concepção de que é parceria para a gente conseguir trabalhar melhor, essa é preocupação e não deixar que o programa ... e de público, portanto os parceiros vão ter que assumir para poder ser público, a preocupação maior é na parceria porque na hora que você consegue elaborar todo esse conceito do que é parceria, eu acho que o público, o ser público aparece sem nenhum problema você consegue.

P - O conceito público vem muito mesclado com a instituição, com o Estado.

Na hora que você define qual é o papel do trabalhador, qual e o papel do empresário lá dentro ou o compromissos que eles têm, automaticamente eu acho que o Centro deixa de ser governamental e é público mesmo, por que? Porque assim como ele vai saber o papel dele, o que ele tem que fazer, o direito dele, o dever dele é como o direito, ele também vai cobrar, eu acho que aí o público começa a aflorar melhor. Certo? Está bom?

NOME: **Selma Venco**

DATA DA ENTREVISTA: DEZEMBRO/2000

FORMAÇÃO: Socióloga

1 - Qual foi a sua atuação no projeto e que função desempenhava?

Eu iniciei no programa no observatório em 97, foi a primeira contratação de técnicos, teve um processo seletivo eu era técnica do observatório, então fiquei dois anos no observatório e depois eu precisei sair por conta dos recursos que cessaram e agora eu voltei, mas, no programa, no projeto de habilidades básicas e específicas e agora eu sou co-gestora do projeto habilidade.

2 - Como você situa o programa aprendendo aprender face à situação sócio econômica do estado de São Paulo e da cidade de São Paulo?

É complexo. Nesta questão eu acho que é complexa, porque na verdade eu acho que o programa deveria ter uma projeção maior, mas, ainda falta muito chão, na verdade eu acho que deveria, o programa uma vez instalado eu acho que ele daria um ganho para o estado de São Paulo enorme, porque, se o observatório consegue implantar toda este sistema de projeção ocupacional, por exemplo, você já consegue fazer uma previsão das profissões que estão em fase de extinção, e as que estão em fase crescente, quer dizer, isto daí já é uma orientação muito grande para a formação profissional e isso e associada a uma nova metodologia dos cursos, isto daí eu acho que traria, não o equilíbrio, mas, acho que seria uma contribuição enorme, mas, tudo é muito difícil, a gente tem poucos recursos para fazer, para implantar esta projeção ocupacional, a gente ressuscitou, conheceu o sistema de projeção ocupacional do Canadá, quer dizer, é uma série de pesquisas, não é uma simples pesquisa, é uma série de cruzamentos que você tem que fazer, então a gente ainda tem limitações, recursos humanos e financeiros, quer dizer, a gente deveria, acho que tem uma tentativa de dar certo, de chamar o DIEESE, o Seade, para incorporar nesta projeção ocupacional, eu acho que é um assunto do PT, então eu acho que de qualquer forma traria, por um lado esta questão de se adequar, a demanda a formação profissional, e por outro também, eu acho que tem uma preocupação muito grande dentro do programa em relação à educação mais geral do trabalhador e não simplesmente a educação para o trabalho, que é a grande crítica do programa, quer dizer, a gente não quer e se nega a fazer uma educação para o trabalho, é bem na outra linha da oposição do Banco Mundial, é uma coisa que a gente não quer, então sempre no conteúdo do curso, você pode fazer um curso para pedreiro, um curso para desenho de moda, a gente sempre tem a preocupação de colocar, não a formação para a cidadania como normalmente é utilizado por aí, então tem aquelas quatro horas que você tem que dar cidadania, não é isso, quer dizer, o tempo todo construindo uma metodologia para que isso floresça o tempo todo, além da cidadania também relações de gênero, isso também é discutido, toda as preocupações básicas da igualdade tem que estar presente nos conteúdos dos cursos, isso é uma preocupação constante, a gente até estar fechando um trabalho com a equipe, vai uma ferramenta muito importante para trabalhar dentro dos vários programas da secretaria essas desigualdades, de etnia, de gênero, de idade, é uma preocupação constante.

3 - Quais são as maiores dificuldades de implementação e gestão do programa?

É difícil responder a sua pergunta, por exemplo, se você tem, quando chega um programa, vou pegar o exemplo do Tupã, por exemplo, no interior de São Paulo, quer dizer, você tem toda uma facilidade porque todo o programa é galgado muito na construção coletiva, então quando você vai para uma cidade do interior, aquela cidade média, você tem uma facilidade muito grande que já é esta rede, as relações pessoais é uma coisa que flui muito mais facilmente do que em São Paulo, por exemplo, na Vila Formosa um bairro super populoso e tal, a gente percebe como esta construção coletiva ela flui de uma maneira muito tranqüila, mas, na Vila Formosa a gente tem esta facilidade também porque, eu acho que quando a comunidade é ouvida ela responde muito bem, na minha opinião é um programa que tem um eco na sociedade muito tranqüilo, muito fácil, ...(fala interrompida)

P - Ela é ouvida como, como é que você faz este processo de escuta, de chegar, ... (fala interrompida)

Porque, por exemplo, a gente chega tanto na Vila Formosa, quanto em Tupã, como em Jaguariúna, e a gente vai para lá com um mapa, entre aspas, sócio econômico, a gente sabe como está a situação, como é que está a população, como é que está a escolaridade, como é que é a indústria, o comércio, é aquele mapa frio, são os dados frios que a gente tem e coloca a ... e tal, como é que se dá a implantação do programa via centro público, a comunidade é convidada a participar do centro público, a gente apresenta este quadro sócio econômico, ela vai qualificar esta informação que a gente tem, uma informação quantitativa eles vão qualificar este dado, eles vão falar: - não é mais. Por exemplo, o que aconteceu em Vila Formosa, a gente tinha ..., quantos jovens, quantos idosos, então eles traziam os dados do problema dos jovens que não conseguiram o primeiro emprego, que estava desestimulado a frequentar a escola porque já tinha perdido a sua turma e que estava caindo para a marginalidade, quer dizer, a gente acaba estruturando programas voltados para os jovens, quer dizer, a comunidade traz a sua própria demanda, nesse sentido que eu via a comunidade, toda a demanda, toda a programação do programa, é feita pela comunidade, a gente só entra como facilitador, tanto no levantamento da demanda, como na viabilização dos problemas, como eles se sentem parte, quer dizer, eles assinaram, eles participaram da construção do experimento, eles participaram como monitores, eles participaram da avaliação, é muito diferente do que você ficar como espectador, eles se sentem parte integrante mesmo do projeto, é muito diferente, é um salto de qualidade.

4 - De forma geral, como vem se dando o relacionamento entre as entidades que estão envolvidas no processo de implementação do programa?

Entidades aí você diz...(fala interrompida)

P - Seriam aquelas entidades, as parcerias.

Por exemplo, esta semana mesmo eu estive em Tupã e a gente foi fazer a nossa reunião anual lá, a gente às vezes faz semestralmente com a comunidade para o levantamento de demandas, primeiro a gente sempre faz, se a gente for montar um experimento, por exemplo, em Tupã, lá tem uma nova demanda para costura no município, então os trabalhadores começaram a formar uma cooperativa, tem uma indústria que está demandando, é um desenho ideal na verdade porque ali você tem, apesar de ser uma cooperativa, não é um

emprego formal, mas enfim, você tem trabalhador, você tem indústria envolvida, você tem a prefeitura entrando como uma escola de formação profissional, a gente procura ouvir todos os segmentos envolvidos, a gente não monta um curso ouvindo empresários, por exemplo, o empresário vai falar: - À noite eu preciso de uma pessoa que saiba fazer, sei lá, acabamento, ou fotografia, gente precisa contratar pessoas que saibam o básico da fotografia e tal. Os trabalhadores vem com a sua própria demanda, mas os trabalhadores estão precisando ser alfabetizados, ele precisa avançar nas quatro operações matemáticas, quer dizer, a metodologia é construída dentro desta demanda por conteúdo também, o que cada seguimento está valorizando naquele momento, quer dizer, além disto, só para complementar, o envolvimento com as entidades a gente auxilia de alguma forma, por exemplo, o empresário às vezes ele contribui com o material didático, ou ele cede o os equipamentos, por exemplo, para o curso de soldador, o curso de soldador é feito a noite em uma metalúrgica lá em Tupã, eles tem as aulas práticas e não tem custo nenhum e nem tem a preocupação de você renovar a parte gráfica, esta questão de equipamento porque estão sempre renovando, o empresário esta sempre mais atualizado, por exemplo, você pega uma escola como Senai ou Paula Souza e tal, esta relação com as entidades ela flui muito, na minha opinião, ela flui muito tranqüilamente, porque este espírito de participação é uma coisa que todo mundo busca na verdade, se você se sente parte integrante do processo, eu acho que as coisas acabam andando muito bem.

5 - Você acha que há privilégios para atender a estas entidades?

Não. É assim, o mecanismo é muito diferente do que acontece, por exemplo, nas entidades que se utilizam os recursos do FAT, completamente diferente, por que elas entram com os pedidos, com a sua demanda, é completamente diferente, quer dizer, o que a gente vai buscar, na verdade, muitas vezes não tem entidade, por exemplo, uma entidade como o Senai, muitas vezes, como ele é construído desta forma, por exemplo, você vai fazer um curso da indústria moveleira de Tupã, o empresário fala: - Vocês podem usar os meus equipamentos, eu tenho um instrutor que conhece muito bem o serviço, este instrutor vai trabalhar junto com o apoio pedagógico, quer dizer, esta questão de privilegio ela é diluída completamente, porque é o compromisso de fazer junto, não é uma coisa, ele não vai receber recurso nenhum, o privilegio ele se dilui completamente, porque você está atendendo uma demanda local, não só uma demanda do mercado como... da Vila Formosa que era uma questão social ali, dos jovens e tal, eu acho que não tem esta questão.

6 - Na sua opinião, quais são as principais características da população usuária do programa? No caso aí se você quiser falar da Vila Formosa.

Sempre, em qualquer centro a população privilegiada são os desempregados ou que estão em vias de exclusão no processo produtivo, alguma profissão que estão sendo extintas, essas sempre é o alvo principal junto com a população jovem que está buscando como está tendo maior dificuldade em arrumar uma emprego ou geração de renda, mas, é sempre esse o público alvo do programa. Só para complementar, por exemplo, quando a gente vai à Vila Formosa e fez o primeiro levantamento tinha um índice de famílias sustentadas por mulheres e que estavam com dificuldades, às vezes arrumavam emprego fixo, mas eles tinham filhos pequenos e não tinha demandas para creche, quer dizer, este lado também é valorizado, dependendo de como é que a comunidade se apresenta, por exemplo, nesse caso a gente acabou valorizando cursos onde elas poderiam ter uma geração de renda, mas sem precisar

sair de casa, por exemplo, curso de confeitaria, fazer salgadinhos, era época de Natal, marmorização de papel, algum tipo de artesanato e sempre com elevação de escolaridade.

7 - Como pensa os aspectos motivacionais básicos, as habilidades básicas dessa mesma população? Quais as diferenças da população jovem que está à procura de emprego e população experiente que está reciclando?

Na questão das habilidades básicas é muito de acordo com a necessidade, às vezes você pensa um curso que você teria que dar alguma básica, mas quando você vai fazer um, para marceneiro, por exemplo, para eles exercerem bem a profissão eles precisam saber ângulo, por exemplo, ou se é confeitiro ele precisa ser alfabetizado para poder ler a receita, saber a proporção da receita, quer dizer, na verdade a gente sempre procura dar as habilidades básicas necessárias para ele poder desempenhar aquela profissão, mas o que a gente percebe e que tem, o que é muito trabalhado é um estímulo a voltar a estudar, tanto ele é estimulado pelo projeto, pelo curso, mostrando a importância da educação, não só para o trabalho como para a vida, é interessante você ler as pesquisas como foi que eles passaram pelo curso, um número bem auto volta a estudar escola regular ou foi fazer supletivo, isso é que é um ganho bastante expressivo em termos de escolaridade, é um aspecto extremamente positivo. A população jovem é sempre muito relativa, por exemplo, na Vila Formosa, quando eles apresentaram esse problema, que os jovens estavam marginalizados, eles não tinham acesso a nada, montamos um curso, eu agora não me lembro mais do nome, de qualquer forma eles tinha contatos com alguns equipamentos que eles não tinham proximidade, por exemplo, conta bancária, tem o cartão magnético, se ele fosse trabalhar como office-boy, por exemplo, ele teria fazer determinadas transações que ele particularmente não teria, eles fizeram curso de informática, eles tiveram contato com o mundo do trabalho que eles não tinham e isso foi intercalado com outras palestras específicas e de interesse dos jovens, depois eu posso de contar com mais detalhes, não tem um modelo é muito de acordo com a população que nós estamos trabalhando (falha pequena na gravação) dentro dessa metodologia.

P - Vai surgindo e se vai fazendo.

É. Por exemplo, você vai montar um curso onde participaram trabalhadores, empresários, a educação e tal, mas, quando você vai iniciar o curso você percebe que aquela população tem outras características, é um refazer constante, quer dizer, você nunca tem um modelo acabado, você tem uma orientação, mas, o público é que vai te orientar.

8 - Como você associa a dimensão de ética e cidadania aos aspectos motivacionais e tal?

Como eu te falei no início, existe constantemente essa preocupação com a ética, com a cidadania, com as desigualdades, ela não se dá de forma separada, nunca, isso é uma questão central do programa é você trabalhar uma educação mais ampla, não é só uma educação para o trabalho, isso não tem sentido nenhum.

9 - Como avalia os resultados do programa frente à população usuária, ... informações que está utilizando para fazer a avaliação.

Era o que eu tinha falado. A gente faz sempre uma avaliação ao final dos experimentos, a gente estava encaminhando para um sistema de avaliação de ... que o departamento achava muito interessante, porque a gente não só, quando a gente fazia esta pesquisa a gente não queria saber, depois de três meses se ele estava empregado ou não, a gente queria também saber isso o que ele estava fazendo da vida, mas, fundamentalmente a gente fazia toda uma avaliação do curso, então falar: - Você teve uma taxa de habilidades básicas. O que você achou dessa fase? Tinha essa avaliação do pessoal que freqüentou esses segmentos. Além disso, a gente fazia muita avaliação do que aquilo tinha passado na vida pessoal, isso é o que eu tinha falado antes. - Ah! Eu voltei a estudar ou eu voltei a me relacionar com a família ou eu parei de beber, alguma coisa nesse sentido. Porque muitas vezes a gente trabalha com uma população que está com a alta estima completamente baixa por conta da falta de emprego, cria uma situação familiar difícil, tem outras ações no programa que acaba trabalhando com isso, mas, especificação no programa a gente dá muita ênfase, é interessante você ler essas pesquisas porque eu acho que você consegue recuperar muito dessas informações, era uma entrevista que durava uma hora, a gente fazia, depois de seis meses, chegava para a população e fazia uma avaliação de uma hora onde eles contavam como estava, se estava trabalhando e tal, outros tre meses a gente fazia uma entrevista mais resumida só para saber se ele continuava no mercado, o que ele estava querendo estudar? Ele fez curso de pedreiro? Agora ele estava trabalhando? Ele queria fazer um cursos de acabamento? Isso também alimentava a nossa programação era mais subsídios e também essa pesquisa com as entidades que participavam, que a gente chama dos atores pessoais envolvidos no programa, tem algumas frases muito interessantes, se o secretário viesse aqui hoje falar que queria fechar o centro isso seria impossível, pela forma de como eles estavam envolvido.

10 - Gostaria de fazer algum comentário?

Eu acho que o comentário é que, como eu já tinha te falado, é que eu acho que a nossa grande oportunidade agora para dar um salto no programa que é se unir ao TMT ... de qualificação, se a gente já tem vinte experiências em determinados cursos isso atende, por exemplo, uma demanda que se chega para a secretaria de 70%, a possibilidade é uma oportunidade da gente poder disseminar essa experiência que leve em consideração outros fatores que não só mercado tem um número de trabalhadores muito maior, é isso que eu estou apreensiva porque eu acho que esse é que é o pulo do gato, acho que é aí que a gente tem que avançar e procurar ampliar o programa, sair do espaço dos Centros Públicos e partir para, ou mudar aquela... do Centro Público e fazer um grande centro.

NOME: Hugo Capucci Junior

DATA DA ENTREVISTA: Outubro/2000

FORMAÇÃO: Pedagogo

FUNÇÃO NO PROGRAMA APRENDENDO A APRENDER: Coordenador do Projeto do grupo de implantação do projeto de habilidades básicas e específicas vinculado ao Instituto Paula Souza.

1- Qual foi a sua atuação no projeto e que funções desempenhava?

A mesma da função acima.

2- Como o sr. ou sra. situa o Programa Aprendendo a Aprender face á situação sócio-econômica do Estado de São Paulo e da Cidade de São Paulo?

O Programa Aprendendo a Aprender tem por objetivo um novo desenho da formação profissional. Em face desse novo perfil requerido a SERT e entidades da sociedade civil tem por finalidade apresentar três projetos. O Observatório que procura atentar para esta situação com metodologias que analisam não só a situação presente como a situação futura. Utiliza uma metodologia de análises de situação presente, como a situação futura. Utiliza uma metodologia das análises da situação de emprego e da formação profissional. Quais são as ocupações do presente e quais são as ocupações do futuro. Sempre um grupo tripartite (sindicatos, empresas e entidades), tenta desenvolver novas metodologias para promoção de cursos e necessidades dos trabalhadores.

O Centro Público procura experimentar as metodologias. Procura sistematizar as experiências propostas pelo grupo de Habilidades Básicas e disponibiliza para a sociedade. O Centro Público na realidade é o ponto de encontro dos três projetos.

3- Quais são as maiores dificuldades de implementação e gestão do Programa? E as facilidades?

A maior dificuldade reside na falta de cultura (tradição) do próprio povo brasileiro em reunir os vários segmentos interessados no processo em reunir os vários segmentos. A formação profissional sempre foi dicotômica. A educação nunca foi voltada para o trabalho. Há um estudo em São Carlos sobre as diferenças entre a Escola Normal e Escola Industrial. A primeira possuía todas as condições e a segunda não. É meio complicado trabalhar isto no programa.

O programa tem dificuldades porque a educação no Estado de São Paulo está desarticulada, com diretrizes ora do MEC, ora do Ministério do Trabalho. Eles não se entendem a nível de cúpula e os reflexos ao nível da cultura se acentuam.

A falta de recursos humanos baseado no voluntariado. O problema do voluntariado que é difícil reunir pessoas para discussão.

O Programa sempre ocorreu em paralelo ao PLANFOR. O interesse das entidades formadoras estavam mais interessadas no PLANFOR já que ele distribui recursos financeiros. É aquela história...Quem tem dinheiro...

A atenção das parcerias fica voltada mais ao PLANFOR (Programa de Qualificação Profissional) e não há um efetivo entrosamento entre o Programa Aprendendo a Aprender e o PLANFOR. O Programa Aprendendo a Aprender fica pequeno, limitado ao Centro Público quando se poderia atingir uma rede maior com mais eficiência.

4- De forma geral, como vem se dando o relacionamento entre as entidades que estão envolvidas no processo de implementação do Programa?

As experiências do Programa ficaram limitadas a duas experiências em Tupã e Vila Formosa. Não se leva muito em conta as habilidades básicas que são necessárias que permitem a pessoa transitar com mais propriedade no mercado. Tive um caso de um engenheiro que para progredir no trabalho teve que fazer um curso básico de contabilidade. Se ele não fizesse este curso ele perderia o emprego. O conhecimento de informática é necessário para as pessoas lidarem com as possibilidades de aprender a pesquisar. Procura-se desenvolver no profissional estas atividades.

5- Você acha que há privilégios para atender a estas entidades citadas na questão anterior?

No nosso Programa não há privilégios porque as decisões sobre os cursos e os experimentos se fazem a partir de um Conselho de Compromisso do Centro Público. Não atendo nada que não venha a partir deste Conselho. Não há como privilegiar dentro do Programa nenhuma entidade. No PLANFOR não se sabe.

6- Na sua opinião, quais são as principais características da população usuária do Programa?

A população na parte das habilidades básicas não tem uma noção exata de como as experiências estão sendo aproveitadas pelos usuários. O material didático...as entidades que utilizam não tem o hábito de acompanhar. Não existe uma metodologia de acompanhamento do produto no Programa. Percebe-se que alguma influência está sendo exercida, mas não se tem o controle.

7- Como pensa os aspectos motivacionais básicos (habilidades básicas) desta mesma população? Qual a diferença entre a população jovem que está à procura de emprego e a população já experiente que está reciclando?

As habilidades básicas estão atreladas ao nível de escolaridade embora não seja um condicionante como o poder de comunicação e ética. Se por um lado à escola tradicional não desenvolvia as habilidades básicas, ela não valoriza o bem estar no trabalho. Temos sérias dúvidas se as pessoas vão procurar um curso técnico para isso. O curso superior está mais vinculado ao status.

Temos pouca experiência sobre jovens em busca do primeiro emprego, porque a população alvo do programa foi à população de adultos, desempregados e com baixa qualificação. Os jovens não são o público alvo. Os programas mais direcionados aos jovens ficara em função do curso do ensino médio.

8- Como você associa as dimensões de ética e cidadania aos aspectos motivacionais básicos?

Elas estão presentes em todas as atividades do Centro Público. São mais aspectos transversais do que disciplinares. Dentro das habilidades básicas estas dimensões devem permear a formação. Os aprendizes são levados a perceber a situação ambiental dentro de um porquê. Foram assistir como se fazem peças de trabalho. Explora todos os ambientes para desenvolver estas aptidões. A dimensão deve perpassar...deve estar inserida no contexto de vida. A dimensão de ética e cidadania está muito ligada à preocupação que você tem com a busca de informação. Esta busca...se você não tem acesso à informação... elas estão atreladas à disponibilidade de informação e o acesso a ela. Às vezes se é envolvido por falta de ética em função da falta de informação. A utilização das informações do Programa devem ser colocadas em disponibilidades. As informações ainda não chegam às bases. É muito difícil e amplo. Deveríamos ter organismos locais. É necessário uma descentralização, é evidente...Fica sempre a mercê do que é decidido. Não se deve esperar as decisões dos órgãos governamentais...

9- Como avalia os resultados do Programa frente à população usuária? Que instrumentos ou informações está utilizando para fazer tal avaliação?

Já foi colocada na questão anterior.

10- Gostaria de fazer algum comentário?

Apesar de tudo ainda sou otimista em relação ao Programa. Estamos correndo atrás do prejuízo. Os países desenvolvidos já resolveram esta parte em relação à educação e trabalho. A Inglaterra já resolveu esta questão.

Exercer a profissão com competência. A relação de trabalho. O próprio esquema de nível superior é voltado à pesquisa e desenvolvimento. Grande parte da população não tem vocação para pesquisa. Esta dicotomia que o Brasil tem em relação ao trabalho escravo e aos imigrantes não permitiu que se visse o trabalho de uma outra forma. As relações de emprego em que somente uma elite foi privilegiada tem que mudar. São educadas por lazer. Formam eruditos vadios. Não há o valor social do trabalho. Nunca houve por parte dos sindicatos uma preocupação com o desenvolvimento do cidadão. As competências foram deixadas em segundo plano.

NOME: **Sergio Augusto Bianchini - S. A . B.**

DATA DA ENTREVISTA: Outubro/2000

FORMAÇÃO: Engenheiro Agrícola

FUNÇÃO NO PROGRAMA APRENDENDO A APRENDER:
Atualmente sou Técnico do Laboratório.

1- Qual foi a sua atuação no projeto e que funções desempenhava?

Era mais um apoio administrativo para a execução do seminário. Participava das discussões, mas dava mais um suporte técnico para as reuniões. Depois assumi a coordenação técnica do laboratório. Hoje atuo como técnico. Fazia o meio de campo entre o programa e a secretaria.

2- Como o sr. ou sra. situa o Programa Aprendendo a Aprender face à situação sócio-econômica do Estado de São Paulo e da cidade de São Paulo?

Pelo viés do governo: o governo passa por um processo de reestruturação do papel dele na sociedade e também na área social. A questão de reestruturação profissional está também passando por um período de reestruturação. O contato com o Paula Souza e a questão da formação técnica ficava a cargo do sistema S (SENAI, SENAC). Hoje parece que o sistema S está mais voltado a recapacitação das empresas; para quem já está na empresa. As escolas técnicas são mais um trampolim para a universidade. Tem um desemprego grande próximo dos 20%, que inclusive é alto também no interior do Estado de São Paulo. Há uma grande população de jovens querendo entrar no mercado e mais os desempregados. A Secretaria entra neste vácuo e quer suprir com as escolas este problema. Não tem grandes recursos técnicos e tem que conversar muito com elas. O governo reuniu alguns atores mais relevantes dentro do propósito de remontar o sistema e optou-se por ter o Programa 'Aprendendo a Aprender', sendo que os atores acharam melhor fazer isto através de uma ação prática. Preencher uma lacuna:

Primeiro: O Instituto Paula Souza e O Sistema S não supriam esta situação do jovem no primeiro emprego e do adulto que perdeu o emprego. Há um outro perfil da mudança da indústria para o serviço. Há também a questão de rendimentos que é menor na área de serviços. Precisa-se de um espaço em que esta pessoa é reciclada.

Segundo: Precisaria desenvolver novos cursos, pois os da Paula Souza e do Sistema S não cobriam esta população. É a exigência de um trabalhador mais eclético e comunicativo. Ele também conseguiria emprego em qualquer mercado, fora da exclusividade do mercado formal que é uma característica do que era instruído.

O Curso de Habilidades tinha o propósito de instrumentalizar neste nível. Como dar reconhecimento fora dos bancos escolares. É fundamental reconhecer o que a pessoa já sabe.

Terceiro: o Observatório tem a questão do futuro do trabalho. A questão da formação profissional só faz sentido se a pessoa puder obter trabalho, renda. Mudaram as exigências do mercado de trabalho. A questão é que a tecnologia não provoca o desemprego, mas sim o modelo econômico. Nos EUA, com uma taxa de 7% ao ano a economia cresce. No Brasil não cresce, existe uma concentração de renda e também nos EUA que concentra toda a riqueza. Por isso também que há desemprego aqui. Isto num país de terceiro mundo é mais

complicado. Não entramos no modelo do *Welfare State* do pós-guerra e já estamos nos desfazendo dele. A questão é como será o futuro do trabalho. Menos renda e mais inseguro, sem proteção social. É importante levantar uma discussão com os atores de formação do que seguir uma receita pronta. Discutir problemas e saídas conjuntas do que seguir um modelo pronto.

3- Quais são as maiores dificuldades de implementação e gestão do Programa? E as facilidades?

O Programa como um todo, acho que passa pelo papel que cada agente vai realizar. Como cada agente vai se articular com o Programa e a sociedade. Ele começou, mas precisa melhorar. Ele está mais com os técnicos dos agentes do que com a hierarquia destes. No observatório a maior dificuldade é conter a ansiedade de ter que dar respostas rápidas a uma situação complexa. Na Europa há um observatório de 15 anos e eles estão no começo. No Canadá existe desde 1965 e o americano a mesma coisa. Mas eles estabeleceram mais um sistema técnico com fórmulas do que um debate democrático que é muito recente. Às vezes você corre para dar uma resposta e não tem elementos técnicos. O Estado não tem uma cultura de dividir os papéis e nem de participar. Os sindicatos também não têm. O estado é também efêmero. O projeto tem que ser comum à sociedade. Passa um governador e muda o Programa ou o extingue.

Facilidades!? Como não tem nada as coisas não estão engessadas. O movimento sindical está repensando a sua função. O sindicato empresarial acostudou a ter uma postura de sugar o Estado. Mesmo não sendo pródutivo e competitivo o Estado tem que ajudar.

As ONG's aparentemente têm menos vícios do que estas outras. O DIEESE e o SEADE têm uma preocupação de fornecer e produzir dados para copiar esta iniciativa. Há alguns sinais que facilitam a ação. Há algo além do mercado que está sendo feito para dar conta da situação. No início da década era diferente. O mercado resolvia e tudo bem... precisa de uma intervenção fora do mercado.

4- De forma geral, como vem se dando o relacionamento entre as entidades que estão envolvidas no processo de implementação do Programa?

Acho que tem sido boas. Não tem problemas não! Não dá para exigir que abracem o projeto, mas este é o ritmo.

5- Você acha que há privilégios para atender a estas entidades citadas na questão anterior?

Tem uma disputa onde cada um tenta colocar as necessidades de cada corporação. Mas elas têm colocado no sentido de permitir uma participação, mesmo porque as discussões tem ficado mais ao nível técnico do que hierárquico. Os choques se dão ao nível hierárquico e talvez por isso que não esteja ocorrendo. Mas um dia isto vai ter que ocorrer. A participação dos sindicatos dos trabalhadores é bem maior e não tem posição de intransigência. Tudo é negociado, há um clima positivo.

6- Na sua opinião, quais são as principais características da população usuária do Programa?

Nos Centros Públicos tem mais a característica do jovem e adulto desempregado. Os mais diretamente ligados ao programa são as instituições. Do lado dos produtores de dados precisa ter financiamento. O tempo para realizar algo fica mais complicado, pois as entidades precisam de recursos. Cada entidade está disputando uma parte. Paula Souza está começando a ter cursos de formação profissional. Vão disputar mercado com SENAC que já tem curso superior. Os sindicatos estão repensando para onde vão... os patronais estão tentando representar as categorias. As empresas não se sentem representadas pelo seu sindicato. O Governo entrou nesta linha neoliberal de Estado mínimo de participação e está repensando esta função. É uma disputa não resolvida. A esquerda tem uma proposta de um Estado mais interventor.

7- Como pensa os aspectos motivacionais básicos (habilidades básicas) desta mesma população? Qual a diferença entre a população jovem que está à procura de emprego e a população já experiente que está reciclando?

O adulto foi treinado para ser um operário sem nenhum grau de intervenção. Foi submetido a grandes níveis hierárquicos e foi habituado a aprender no trabalho a sua função.

No setor bancário tinha uma entrada que passava por uma escolaridade maior. No serviço público era uma fonte de empregos. Tinha uma carreira. No banco entrava como office-boy e fazia carreira. Na década de 90 fecham-se as portas. Na indústria não precisava de tanta escolaridade. O sujeito ficava duro na frente da produção e fazia o que o chefe mandava. O fantasma do desemprego não era tão presente. O mercado era crescente.

Na década de 90 isto é fechado. O setor público contrata muito pouco sem a estabilidade que tinha. A indústria passou por uma reestruturação. A informatização reduz postos de trabalho. O comércio necessita de renda. Agora há uma instabilidade muito grande. As empresas querem tirar do funcionário muita coisa. Quer a participação mais ativa do funcionário. Quer que você seja um micro-empresário dentro da empresa. Com esta instabilidade as pessoas se obrigam a isto. Passa a ser habilidade básica a questão do conhecimento do processo de produção. A mudança para célula faz com que o funcionário seja responsável pelo produto.

8- Como você associa as dimensões de ética e cidadania aos aspectos motivacionais básicos?

Aí acho que tem uma diferença. Estas dimensões começam a ter uma importância na medida em que você exige maior responsabilidade do trabalhador. Antes não precisava disso porque tinha uma hierarquia que decidia tudo. A questão da cidadania vem no sentido do envolvimento com a produção e o cliente. Que a pessoa discuta, seja crítica. É mais um ser humano que um robô. É importante porque ao mesmo tempo em que acontece na empresa deve ocorrer na sociedade. Há uma relação entre a ação na sociedade e na empresa. No caso japonês a cidadania parece ser mais exercida dentro da empresa do que na sociedade. Aqui é diferente. Os problemas são bem maiores. Agora, ética e cidadania sem trabalho não consigo ver a possibilidade de existência. Se fechar em muro não vai dar certo.

9- Como avalia os resultados do Programa frente à população usuária? Que instrumentos ou informações está utilizando para fazer tal avaliação?

Os impactos na nossa população usuária têm sido muito pequena frente aos grandes problemas que temos. Têm sido muito tímidos frente ao tamanho dos nossos problemas. É preciso de um esforço mais intenso por parte do programa. Abrir o leque de cursos para utilizar mais uma forma sistêmica. Disseminar mais a formação profissional. O experimental tinha que se expandir para uma forma massiva.

O observatório tinha que potencializar as discussões, chamar mais as entidades. Temos que criar um modelo de ação. Estabelecer metas mais ousadas.

10- Gostaria de fazer algum comentário?

Sem comentários...

QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

NOME:

DATA DA ENTREVISTA:

FORMAÇÃO:

FUNÇÃO NO PROGRAMA APRENDENDO A APRENDER:

- 1- Qual foi a sua atuação no projeto e que funções desempenhava?
- 2- Como o sr. ou sra. situa o Programa Aprendendo a Aprender face à situação sócio-econômica do Estado de São Paulo e da Cidade de São Paulo?
- 3- Quais são as maiores dificuldades de implementação e gestão do Programa? E as facilidades?
- 4- De forma geral, como vem se dando o relacionamento entre as entidades que estão envolvidas no processo de implementação do Programa?
- 5- Você acha que há privilégios para atender a estas entidades citadas na questão anterior?
- 6- Na sua opinião, quais são as principais características da população usuária do Programa?
- 7- Como pensa os aspectos motivacionais básicos (habilidades básicas) desta mesma população? Qual a diferença entre a população jovem que está a procura de emprego e a população já experiente que está reciclando?
- 8- Como você associa as dimensões de ética e cidadania aos aspectos motivacionais básicos?
- 9- Como avalia os resultados do Programa frente à população usuária? Que instrumentos ou informações está utilizando para fazer tal avaliação?
- 10- Gostaria de fazer algum comentário?

DIÁRIO OFICIAL